



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO TERAPIA OCUPACIONAL

CARLA ADRIANA VIEIRA DO NASCIMENTO
ISABEL CRHISTINA MENEZES LEÃO

**O GRUPO COMO ESPAÇO DE POSSIBILIDADES PARA A
IDENTIDADE OCUPACIONAL DO IDOSO**

BELÉM-PA
2017

CARLA ADRIANA VIEIRA DO NASCIMENTO
ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO

**O GRUPO COMO ESPAÇO DE POSSIBILIDADES PARA A
IDENTIDADE OCUPACIONAL DO IDOSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Terapia Ocupacional pela
Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. MSc. Mariane Sarmento da
Silva Guimarães

BELÉM-PA
2017

Dedicamos este trabalho aos que amamos, em especial nossos pais e irmãos, pelo amor, dedicação e confiança de sempre.

A todos aqueles, que, independente da idade, possuem imensa vontade de viver.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelas oportunidades, por sempre me iluminar, trilhar meus caminhos e me dar força, saúde e capacidade para vencer os desafios envolvidos ao longo de toda essa jornada.

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar que em dias de frio me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver”.

(Martin Luther King)

RESUMO

O aumento mundial da população idosa tem sido objeto de investigação científica, não apenas com a finalidade de reconhecer as características físicas, sociais e emocionais desse grupo populacional, mas, também, de discutir os aspectos relacionados à identidade. Entende-se que a identidade do idoso é concebida a partir de seu cotidiano, por meio de informações e situações vivenciadas no repertório de ocupações dos sujeitos. Nesse sentido, os grupos de podem configurar-se como um espaço gerador de possibilidades para a identidade ocupacional do idoso. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi analisar a influência do engajamento em um grupo de Terapia Ocupacional para a identidade ocupacional de sujeitos idosos. Tratou-se de uma pesquisa de campo que seguiu um desenho qualitativo que se utilizou do estudo de caso com enfoque descritivo do tipo exploratório de 2 (dois) participantes do grupo “Corpo e Movimento e Qualidade de Vida na Terceira Idade” do Projeto UNITERCI. Como instrumentos de coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas e o instrumento OPHI-II, que foram realizados no início da participação no grupo e após um período de quatro meses. Para análise dos dados qualitativos foi realizada a análise de conteúdo obtido nas coletas de dados das entrevistas e do OPHI-II, para que se pudesse compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo, as significações explícitas ou ocultas. .

Palavras-Chaves: Idosos. Identidade Ocupacional. Grupos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
-------------------	---

2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	16
3.2 ASPECTOS ÉTICOS	17
3.3 AMBIENTES E MATERIAIS	17
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	18
3.4.1 Roteiros de entrevista semiestruturada inicial e final	18
3.4.2 Entrevista da História do Desempenho Ocupacional – Segunda Versão (OPHI-II)	18
3.5 PARTICIPANTES	20
3.6 ETAPAS DA PESQUISA	20
3.6.1 Levantamento bibliográfico	20
3.6.2 Primeira etapa: Realização da avaliação e da entrevista semiestruturada	21
3.6.3 Segunda etapa: Reavaliação e entrevista semiestruturada.....	21
3.7 ANÁLISES DOS DADOS	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1 GARDÊNIA	22
4.1.1 Resultados Relativos à Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II.....	22
4.1.2 Resultados Referentes à Entrevista Semiestruturada	28
4.2 CHUVA DE PRATA	33
4.2.1 Resultados Relativos à Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II.....	33
4.2.2 Resultado Referente à Entrevista Semiestruturada	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXO	51
APÊNDICE	58

1 INTRODUÇÃO

O conceito de idoso é diferenciado para países em desenvolvimento e para países desenvolvidos. No primeiro caso, são consideradas idosas aquelas pessoas com 60 anos ou mais; no segundo, são idosas as pessoas a partir dos 65 anos (SANTOS, 2010). No Brasil, as

diferenças socioeconômicas, étnicas, de gênero, de religião e da carreira profissional resultam em uma heterogeneidade do segmento da população considerada idosa. E todas estas diferenças contribuem para a formação da identidade destes idosos ao longo de suas vidas. Esta heterogeneidade acentua a constatação de que os idosos experimentaram trajetórias diferenciadas, as quais afetaram as suas condições de vida, pois essa faixa etária engloba pessoas com histórias de vidas diferentes, que viveram e vivem em contextos diferenciados (BRASIL, 2013; DEBERT; OLIVEIRA, 2013).

Em todo o mundo, o número de pessoas com idade a partir dos 60 anos está crescendo mais rapidamente do que o de qualquer outra faixa etária, devido ao decorrente declínio nas taxas de fertilidade e do aumento da longevidade nas últimas décadas (GAUCH, 2013). Desse modo, o envelhecimento populacional representa a maior conquista da humanidade e se acredita que, em um futuro próximo, todos os países o experimentarão, ainda que em diferentes níveis de intensidade e de estrutura temporal. Assim, segundo as projeções das Nações Unidas, entre 2000 e 2050, a população idosa brasileira ampliará a sua importância relativa, passando de 7,8% para 23,6%, enquanto que a jovem reduzirá de 28,6% para 17,2%, e a adulta de 66,0% para 64,4% (BRASIL, 2013).

O Censo Demográfico de 2010 registrou que há 1.081.469 de pessoas idosas na região Norte, equivalendo a 7,1% de sua população total. O estado do Pará ocupa o primeiro lugar na concentração da população idosa, com 535.135 idosos; destes, a maioria encontra-se na capital, Belém (IBGE, 2010; GONÇALVES et al., 2015). Esses dados mostram a importância de o Estado reconhecer o desafio que o crescimento da população idosa e de sua longevidade representam, e, assim, melhorar a qualidade de vida de seus habitantes. Sabe-se que, por um lado, o aumento da longevidade pode ser reconhecido como uma conquista social, entretanto, por outro, é uma situação acompanhada de condições de saúde física, cognitiva e emocional que possivelmente afetam a funcionalidade, a mobilidade e a independência desses indivíduos de forma gradual, uma vez que podem restringir as habilidades de executar funções e atividades relacionadas à vida diária (FERREIRA et al., 2012; LOBO; SANTOS; GOMES, 2014; GONÇALVES et al., 2015).

Deve-se considerar, ainda, que, nesta faixa etária, as incapacidades podem ser resultados não somente de alterações biológicas, mas também, de mudanças ocorridas ao nível das exigências sociais, sendo que estas últimas parecem determinar as primeiras. A participação social transforma-se ao longo da trajetória pessoal dos indivíduos, não por influência apenas da idade, mas também devido aos acontecimentos, mudanças e experiências que se associam ao avanço da idade, como a aposentadoria do trabalho, morte de amigos e familiares e as

modificações na realização das atividades do cotidiano (FREITAS et al., 2012; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2012; LOBO; SANTOS; GOMES, 2014).

Para muitos idosos, tais aspectos contribuem para a sensação de inutilidade que se relaciona ao distúrbio no autoconceito, estado em que o indivíduo apresenta, ou corre o risco de apresentar, uma mudança negativa na maneira de sentir, de pensar ou de ver a si mesmo, podendo incluir uma mudança na imagem corporal, na autoidealização, na autoestima, no desempenho de papel ou na sua identidade (TENÓRIO et al., 2006).

O crescimento da população idosa tem sido objeto de investigação científica (BRASIL, 2013) não apenas no intuito de reconhecer as características físicas, sociais e emocionais desse grupo populacional, mas, também, de discutir os aspectos relacionados à identidade, visto que, ao longo do envelhecimento, o indivíduo assume identidades diferentes a depender do momento vivido, da aquisição de novos comportamentos e significados atribuídos ao processo de envelhecimento (FREITAS et al., 2012).

Nesta perspectiva, a **identidade** se refere a uma definição composta de relações, valores, autoconceito, desejos e objetivos pessoais (KIELHOFNER, 2004), sendo um fenômeno que se processa ao longo da vida de um indivíduo, atuando como um mecanismo regulador das interações sociais, da interrelação com outras pessoas e as interpretações de do que fazemos nessas interações (MACHADO, 2003; UNRUH, 2004). Ela interfere na forma como os indivíduos se engajam nas suas ocupações diárias, e como as ocupações do dia a dia interferem na maneira de usar o tempo e o desempenho de cada um (POLATAJKO et al., 2007).

O **engajamento ocupacional** envolve a capacidade de realizar satisfatoriamente as tarefas e funções essenciais da vida, que se constrói a partir do envolvimento dos indivíduos em ocupações significativas nos diferentes contextos nos quais estão inseridos, como a casa, a escola, o trabalho e a comunidade (NOORDHOEK; LOSCHIAVO, 2004; CARLETO; ALVES; GONTIJO, 2010). Ele pode ser mensurado objetivamente, construindo padrões de desempenho ocupacional e, conseqüentemente, exigindo a formação do equilíbrio ocupacional, ou seja, os sujeitos necessitam ter um conjunto de ocupações associadas a trabalho, descanso e lazer, que devem estar equilibradas para a percepção de uma experiência saudável de vida (POLATAJKO et al., 2007). Essas ocupações são consideradas centrais para a identidade e para o senso de competência das pessoas, assegurando-lhes o domínio de si próprias e do ambiente (CARLETO; ALVES; GONTIJO, 2010). De uma forma geral, pode-se compreender que a **ocupação** é ligada às diferentes atividades significativas que a pessoa faz no seu cotidiano, cuja compreensão perpassa pela sua caracterização no que se refere à identificação e análise de quem desempenha a ocupação, onde, quando, como e porque a faz (POLATAJKO et al., 2007;

MARTINS; GONTIJO, 2011). Nesse contexto, apresenta-se a **autoidentidade**, que está estreitamente relacionada com o que fazemos, com a construção individual do conceito de si, por meio da sua experiência e vivência pessoal e social com o meio em que está inserido (UNRUH, 2004).

Assim, tem-se debatido sobre como o **engajamento ocupacional** está associado ao desenvolvimento e a manutenção da **identidade ocupacional** das pessoas, e como a vida com significado e autoestima está ligada ao conceito de **autoidentidade** (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004), uma vez que a identidade e a sua associação com a ocupação pode estar relacionada com o significado da ocupação, da interrelação com outras pessoas e das interpretações dos sujeitos obtidas por meio da experiência subjetiva das ocupações desempenhadas, que podem atuar como elementos de equilíbrio na vida das pessoas (UNRUH, 2004).

Assim, o sentido composto de quem é o sujeito e quem este deseja ser, como ser ocupacional, se refere à **identidade ocupacional**, que é gerada a partir de uma história de participação ocupacional, da sua própria vontade, onde a **volição**, a **habituação**, e as **experiências** próprias de um corpo vivido se integram (KIELHOFNER, 2004; 2006), sendo mantida e moldada por capacidades e interesses, papéis e relacionamentos, obrigações e rotinas, e por contextos e expectativas ambientais dos quais os indivíduos fazem parte (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004).

A **volição** é entendida como a força interna da pessoa para tomar iniciativa para a ocupação, ou seja, é o processo pela qual cada sujeito orienta suas escolhas, sendo influenciada pelo ambiente e pelo contexto em que está inserida. A **habituação** é uma disposição interiorizada e exibem padrões consistentes de comportamentos, guiados por nossos hábitos e papéis que respondem às características cotidianas (KIELHOFNER, 2009). As **experiências**, por sua vez, traduzem aspectos particulares, que revelam percursos históricos diversos, e especialmente múltiplas formas de ler e atuar sobre a realidade (OLIVEIRA; VALLA, 2001).

Estes aspectos geram desafios ocupacionais, a partir dos quais os sujeitos aprendem a ter domínio de situações e conseguem se engajar em ocupações significativas de maneira mais eficiente e satisfatória, contribuindo para o desenvolvimento de uma nova identidade ocupacional, uma vez que a identidade é um processo em constante transformação, ela é dinâmica, não sendo dada, mas sempre construída e reconstruída (HOOGERDIJK; RUNGE; HAUGBOELLE ; TOIT; WILKINSON; FARIA; SOUZA, 2011), ratificando, assim, que os sujeitos são agentes ativos em suas próprias vidas (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004). Desta forma, a identidade ocupacional inclui o próprio sentido de capacidade e eficácia do

sujeito de fazer as coisas, de decidir sobre o que elege como interessante e satisfatório fazer (KIELHOFNER, 2004).

Considerando que grande parte do repertório ocupacional de um indivíduo apresenta uma combinação de oportunidades e desafios, e que muitas ocupações humanas envolvem processos e interações sociais (PHELAN; KINSELLA, 2009; TOIT; WILKINSON, 2011), entende-se que a **identidade** do idoso é concebida a partir de seu cotidiano, por meio de informações e situações vivenciadas no repertório de ocupações dos sujeitos, em um *continuum* de mudanças, que envolvem as dimensões sociais e de relacionamento das ocupações que podem moldar ou até mesmo produzir identidades (PHELAN; KINSELLA, 2009; FREITAS et al., 2012). Nesse sentido, o processo de construção da identidade está relacionado aos múltiplos fatores de ordem individual e socioambiental, incluindo uma dinâmica complexa de ganhos e perdas ocorridas durante o processo de envelhecimento (SANTOS; SILVA; KHNOURY, 2010; FREITAS et al., 2012).

Apesar do processo de envelhecimento causar alterações das estruturas anatômicas e funções fisiológicas do corpo, as alterações de comportamentos e no estilo de vida da pessoa idosa também podem influenciar o desempenho ocupacional, produzindo limitações na atividade e restrição na participação dos sujeitos idosos (GNANASEKARAN; MCLNTYRE, 2007), sendo necessária uma busca constante pelo equilíbrio dos fatores que limitam e restringem o envolvimento dos sujeitos em suas ocupações, para que estes alcancem o desempenho ocupacional considerado competente e satisfatório (MONTEIRO et al., 2012).

Caniglia (2008), ao exemplificar o trabalho do terapeuta ocupacional, diz que a sua atuação implica na ampliação do leque de possibilidades e opções, favorecendo “encontros” entre as habilidades do ser humano e a diversidade de ocupações oferecidas no mundo contemporâneo. Deste modo, o profissional de terapia ocupacional assume um papel de extrema relevância na criação de estratégias adaptativas que desenvolvam e mantenham padrões duradouros de participação ocupacional dos sujeitos criando experiências de vida significativas, que pode ser fundamental para o indivíduo conseguir viver em um mundo social, permitindo a sua autonomia e o seu bem-estar (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004; MONTEIRO et al., 2012).

As intervenções do terapeuta ocupacional se diferenciam pelos instrumentos de trabalho, ou seja, pelas ferramentas adotadas e pela forma de agir profissional, em conjunto com os recursos terapêuticos e as metodologias de trabalho profissional, tendo o uso da atividade e/ou do engajamento ocupacional como elemento centralizador e orientador do processo terapêutico, seja de maneira individual ou grupal (SOARES, 2011).

Nesta perspectiva, o trabalho com **grupo** de idosos vem sendo desenvolvido por terapeutas ocupacionais como meio para favorecer o engajamento ocupacional significativo dos sujeitos. O grupo pode ser conceituado como um espaço em que os sujeitos se reúnem na presença de um profissional mediador, num mesmo local e horário, com objetivo de realizar uma atividade que é envolvida por múltiplos fenômenos e elementos (intra e intersubjetivos), que interagem entre si, fomentando o aprendizado e mudanças no comportamento dos indivíduos, pois “os participantes tem a possibilidade de experimentar outras formas de se relacionar e de vivenciar situações inéditas relativas ao fazer, possibilitando que a ação ganhe um sentido e um significado” (BALLARIM, 2011, p.40).

Dessa maneira, o **grupo** para os sujeitos pode configurar-se como um espaço gerador de possibilidades, que, ao longo do tempo, permite que os indivíduos criem amizades, ampliem a capacidade de inventar, refletir, questionar pensamentos e ações, ajudando os sujeitos a organizar e a desenvolver estratégias para gerenciar aspectos de sua vida (MAXIMINO; LIBERMAN, 2015). Assim o **grupo** é composto de elementos que se interrelacionam e contribuem para a formação de uma **identidade ocupacional**, que inclui a **prática relacional**, as **mudanças de autoconsciência**, as **qualidades duradouras**, e os **processos reflexivos** (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004).

No que se refere à **prática relacional**, percebe-se que as relações humanas são um poderoso mecanismo pelo qual as pessoas conhecem a si mesmos nas relações de sentido com os outros (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004) onde o “quem é” esse sujeito se define pelas relações estabelecidas, o que se sente obrigado a fazer e o que tem como importante, o sentido das rotinas familiares da vida e as percepções do meio (o que tem e o que espera deste) (KIELHOFNER, 2004), o que é demonstrado na adoção de papéis ou títulos, e indicações advindos do fazer que os sujeitos desempenham, da inter-relação com outras pessoas e as interpretações que fazem nessas interações (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004; UNRUH, 2004), desempenhando um papel importante no desenvolvimento e manutenção de um senso de si.

Com relação as **mudanças de autoconsciência**, Howie, Coulter, Feldman (2004) afirmam que esta ocorre em resposta ao engajamento ativo em atividades que propicia uma consciência de si mesmo favorecendo mudanças de atitudes, interesses, e habilidades, e ainda, valores e expectativas associados com suas ocupações de modo a responder aos outros e ao ambiente, e conseqüentemente, leva a uma experiência de um eu-em-processo, e então mutável. As **qualidades duradouras** se referem às experiências anteriores, pensamentos, atitudes e crenças, obtidas por meio do envolvimento ocupacional dos sujeitos, que permaneceram

constantes ao longo do tempo e que sustentam o senso de si mesmo dos indivíduos. Os **processos reflexivos** envolvem a reflexão da experiência vivenciada (o que se tinha, o que se alcançou, quais as habilidades que foram exercidas e as circunstâncias). Nesse sentido, o sujeito, ao olhar para aquilo que faz, reflete sobre ele, e afirma o senso de si, constatando-se que os sujeitos veem para saber o que eles são capazes de fazer ao longo do tempo e, portanto, mais sobre quem eles são (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004).

Nesta perspectiva, o **grupo** desenha-se como um espaço potencial, onde a competência na realização de **ocupações**, senso de coerência das pessoas e bem-estar é fomentado (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004), sendo marcado pelo **engajamento ocupacional** dos idosos em atividades produtivas, criativas ou sociais, que proporcionam vivências e aprendizados (MONTREZOR, 2013) podendo colaborar para a construção de uma **identidade ocupacional**.

O grupo de convivência é um ambiente voltado para um grupo de sujeitos com mesmos objetivos, que possibilita a interação e inclusão social, promovendo a redefinição de valores, atitudes e comportamentos. Assim, os grupos de convivência adquirem notável importância para os idosos encararem a vida com outra percepção, pois tem o propósito de estabelecer relações sociais cuja função é favorecer a oportunidade de valorizar mobilizações emocionais, compartilhar experiências de vida, refletindo saberes e práticas (TAHAN; CARVALHO, 2010; ALMEIDA et al., 2010).

Várias instituições se preocupam em oferecer às pessoas idosas oportunidades de se engajar em atividades sociais. Nesta perspectiva, apresenta-se o Programa Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), que desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão destinadas às pessoas idosas, organizados e implantados pela Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) desde 1991 (SANTOS; SILVA; KHNOURY, 2010).

Este programa executa trabalhos socioeducativos para a promoção da qualidade de vida da população com mais de 55 anos de idade, visando o desenvolvimento e apropriação de conhecimentos, habilidade e capacidades para a participação sócio-política na comunidade e enfrentamento da exclusão social, por meio dos projetos, dentre os quais, destaca-se o projeto “Corpo e Movimento e Qualidade de Vida na Terceira Idade”, que é desenvolvido por meio de parcerias com profissionais, e realiza trabalhos educativos de cunho relacional, de relaxamento e de vivências corporais, objetivando construir espaços de acolhimento das demandas ocupacionais dos idosos nas mais diversas áreas de domínio ocupacional (ocupações, fatores do cliente, contextos, ambiente e outros) como meios de favorecer saúde, autonomia e qualidade de viver.

Conforme Pontes (2010), a população idosa incluída na universidade luta contra a apropriação arbitrária já instituída por pessoas compreendidas na faixa etária jovem, participando de um novo espaço de sociabilidade, que favorece a incorporação da identidade social e pessoal destes sujeitos, ao se permitirem vivenciar novas experiências no curso da vida, que, somadas a outras experiências vividas em casa, na comunidade, na religião, nas relações no trabalho doméstico e em outras, resulta na formação de competências e habilidades que transformam os sujeitos em escultores da velhice.

Tempo e Vitti (2015) discutem que a participação dos idosos em oficinas de dança e movimento corporal permite que estes não enfatizem suas limitações, aquilo que eles não possuem ou as faltas que se instalam em função do avanço da idade, mas em um corpo que continua em movimento de construção e reconstrução de si e do mundo, descobrindo potências, reflexões e memórias que produzem subjetividades e bem-estar.

Para Rizzolli e Surdi (2010), a participação dos idosos nos grupos de convivência leva a um aprendizado, uma vez que partilham ideias e experiências, e refletem sobre o cotidiano de suas vidas, visto que o grupo é um espaço importante para desencadear, tanto na pessoa idosa quanto na comunidade, uma mudança comportamental, fortalecendo o papel social do idoso.

De acordo com Araújo e colaboradores (2005), os grupos para terceira idade são espaços de escuta e trocas sociais, que possibilitam a utilização de potencialidades e favorecem o desenvolvimento de redes psicossociais e afetivas, que auxiliam no enfrentamento de questões frequentes no processo de envelhecimento, colaborando para a retomada e o exercício de novos papéis, permitindo que os idosos se tornem ativos e se reorganizem internamente.

Sabe-se que o acúmulo de experiências vivenciadas ao longo do tempo e a evocação de memórias a elas relacionadas constituem-se referências para definição, recomposição e ressignificação da identidade (VALE, 2003). Além disso, a intervenção grupal permite uma reflexão sobre atividades de interesse e projeto de vida de idosos (PEREZ; ALMEIDA, 2010).

Percebe-se, portanto, que há vários estudos que abordam a temática de trabalhos em grupo para idosos, relatando os benefícios deste tipo de intervenção para a população em questão. No entanto, há uma escassez no número de estudos que se destinam a pesquisar sobre a influência da participação em grupos na formação da identidade ocupacional de idosos. Neste sentido, o presente projeto objetiva analisar, qualitativamente a influência do engajamento em um grupo de idosos na manutenção, produção ou reconstrução da identidade ocupacional.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a influência do engajamento de idosos em trabalhos em grupo na formação da identidade ocupacional.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a identidade ocupacional do idoso antes de começar a participar do grupo.
- (Re)Conhecer a identidade ocupacional do idoso depois de participar do grupo.
- Analisar as modificações ocorridas na identidade ocupacional do idoso após vivenciar as experiências grupais.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo tratou-se de uma pesquisa de campo que se utilizou do estudo de caso com enfoque descritivo do tipo exploratório, que seguiu um desenho qualitativo.

Optou-se pela pesquisa qualitativa visando o aprofundamento da compreensão do tema proposto, investigando aspectos não quantificáveis que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais incluindo seus significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (CÓRDOVA, 2009).

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa é produto de uma visão subjetiva que tem como base a percepção de um fenômeno que está impregnado de significados que o ambiente lhes outorga, e por isso, não é vazia, mas sim coerente, consistente e lógica. Além disso, destaca-se que as hipóteses colocadas podem ser postas de lado e surgir outras, nos achados de novas informações no decorrer da pesquisa (TRIVIÑOS, 2013).

Este estudo possui um enfoque descritivo e exploratório, pois visa a ampliação e o aprimoramento do conhecimento acerca da temática em questão, apreendendo novas perspectivas da essência dos fenômenos que envolvem o tema proposto, contemplando as relações de (re)construção da **identidade ocupacional** dos idosos, por meio do processo de descrição e interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado (TEXEIRA, 2005).

A pesquisa de campo foi empregada para obter o aprofundamento de uma realidade específica da vida cotidiana dos sujeitos (KAHLMAYER-MERTENS et al., 2007; GIL, 2009), que é realizada por meio de uma variedade de métodos tanto para coleta quanto para a análise para captar as interpretações do que ocorrem naquela realidade (LOPES et al., 2006; KAHLMEYER-MERTENS et al., 2007; GIL, 2008).

Nesse sentido, o formato de estudo de caso foi utilizado para investigar o que havia de mais essencial e característico dos sujeitos participantes no que diz respeito às suas vivências no grupo e a repercussão nas suas identidades ocupacionais. Não se pretendia intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como eles o percebem (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Yin (2010) ressalta que o estudo de caso permite que os pesquisadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da história de vida real dos indivíduos, e não requer o controle dos eventos.

3.2 ASPECTOS ÉTICOS

A estruturação deste estudo atendeu às normas nacionais de ética em pesquisa envolvendo seres humanos e foi submetido à análise ética e aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob nº de parecer 1.774.735/2016 (ANEXO B). Também foi solicitada autorização junto à coordenação do programa UNITERCI para a execução do estudo mediante ofício e cópia do pré-projeto de trabalho de conclusão de curso que foi desenvolvido.

3.3 AMBIENTES E MATERIAIS

O estudo foi desenvolvido nas dependências da UNITERCI, na UFPA, Campus Guamá, no final do término das atividades do dia em que ocorriam o grupo. Para as entrevistas, foram empregadas fichas de entrevistas semiestruturada (APÊNDICES A e B) e o instrumento OPHI-II (ANEXO A).

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.4.1 Roteiros de entrevista semiestruturada inicial e final

Elaboraram-se duas fichas de entrevista semiestruturada (APÊNDICES A e B) composta por um conjunto de questões referentes aos dados pessoais e aos seguintes domínios da identidade ocupacional: **prática relacional, mudanças de autoconsciência, qualidades duradouras, e processos reflexivos.**

Conforme Gil (2009), Ramos e Santos (2009) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de informações em profundidade que permite organizar um conjunto de questões (roteiro) e possibilita a obtenção de dados referentes o tema estudado que é suscetível de classificação e quantificação. Na entrevista, diferente da aplicação de questionários, há a possibilidade de captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

Optou-se pela forma semiestruturada, devido à flexibilidade que o pesquisador tem de esclarecer o significado das perguntas e se adaptar mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista, além disso, permite que o pesquisador incentive que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (RAMOS; SANTOS, 2009).

3.4.2 Entrevista da História do Desempenho Ocupacional – Segunda Versão (OPHI-II)

Para obtenção dos dados optou-se pelo instrumento a Entrevista da História do Desempenho Ocupacional – Segunda Versão (OPHI-II) (ANEXO A) que foi estruturada a partir do Modelo de Ocupação Humana (MOH) (KIELHOFNER, 2011). Este instrumento permite a coleta de informações sobre o desempenho ocupacional do sujeito no tempo presente, bem como ao longo do tempo e está organizada para ser permitir ao terapeuta formular questões ou investigações adicionais que venham ser necessárias para os objetivos propostos, sendo descrita como uma entrevista que pode ser utilizada com uma variedade de indivíduos, permitindo o uso com mais de uma única estrutura conceitual (BENETTON; LANCMAN, 1998; KIELHOFNER, 2011).

Esta entrevista é organizada em três partes: a primeira envolve uma entrevista semiestruturada que busca identificar a história da vida ocupacional fornecendo informações sobre o desempenho e vida diária dos sujeitos organizada em eleição das atividades/ocupações, eventos de vida críticos, rotina diária. A segunda parte consiste em escalas de pontuação que permite a mensuração da identidade ocupacional (mede o grau de valores, interesses e

confiança pessoas nos diferentes papéis ocupacionais) através de 11 itens de avaliação, da competência ocupacional (grau de sustentação de um padrão de participação ocupacional produtivo e satisfatório) por meio de 9 itens e do impacto do contexto ambiental (mede o impacto do entorno na vida ocupacional do sujeito) com 9 itens (BRAVEMAN et al., 2006; KIELHOFNER, 2011).

Essas escalas proporcionam um meio para converter a informação colhida na entrevista, para a pontuação que o sujeito atribui nas três escalas um grau de funcionamento ocupacional, onde 4 (função ocupacional totalmente competente/facilita a participação ocupacional - pontuação máxima), 3 (função ocupacional bom, satisfatório, apropriado/permite a participação ocupacional), 2 (Alguma disfunção ocupacional/ interfere participação ocupacional) e 1 (extrema disfunção ocupacional/ inibe a participação ocupacional – pontuação mínima).

A terceira parte se refere à narrativa da história de vida utilizada para capturar características qualitativas da história de vida ocupacional dos sujeitos (KIELHOFNER, 2011). Para este estudo será utilizado a escala referente à mensuração da Identidade Ocupacional.

Os dados da análise Rasch feita para verificar a confiabilidade e validade interna das escalas OPHI -II forneceu elementos de prova de validade interna das três sub- escalas para a finalidade para qual foram projetadas (identidade ocupacional, competência ocupacional e impacto do contexto ambiental) em mais de 90% dos sujeitos, e ainda, verificou-se que o uso das escalas é válido para aplicação em indivíduos com disfunção física e condições psiquiátricas, bem como indivíduos ativos ou sem condição diagnosticada (KIELHOFNER et al., 2011).

O estudo de Braveman e colaboradores (2006) concluíram que OPHI-II pode para auxiliar na compreensão das experiências e narrativas de indivíduos que estão tentando se engajar em um papel importante na sua vida ocupacional. Segundo os achados de Ennals e Fossey (2007), o OPHI-II é uma ferramenta flexível para interpretação dos dados colhidos e auxilia na compreensão da escolha e motivação ocupacional dos sujeitos tendo configurações que permitem que os terapeutas ocupacionais apreendam informações consistentes da vida ocupacional de seus clientes.

A importância do uso do OPHI-II na avaliação e reavaliação está em permitir que os sujeitos tomem consciência de si mesmo como seres ocupacionais, uma vez que esta ferramenta permite ajudar os indivíduos a desenvolver a compreensão de si mesmo, de suas escolhas e motivações ocupacionais, além disso, permite que os pesquisadores se apropriem de fundamentos da profissão importantes para prática profissional destes (ENNALS; FOSSEY,

2007). Nesse sentido, a escolha do OPHI-II nesta pesquisa deve-se ao fato do mesmo demonstrar ser um instrumento confiável para a autopercepção do sujeito idoso sobre a influência do grupo de terapia ocupacional na sua identidade ocupacional.

3.5 PARTICIPANTES

Após a aprovação da pesquisa junto ao CEP, solicitou-se uma lista com a relação dos idosos matriculados no programa do grupo “Corpo e Movimento e Qualidade de Vida na Terceira Idade” para a seleção dos sujeitos do estudo.

Foi selecionada uma amostra total de 30 sujeitos matriculados. Destes idosos, 4 (quatro) participaram das entrevistas, os demais foram excluídos da pesquisa por não atenderem aos critérios de inclusão de idade e de não estarem se engajando pela primeira vez no referido grupo. Destes 4 (quatro) idosos que fizeram parte da coleta de dados no início das atividades do grupo, somente dois compuseram a segunda etapa do presente estudo, pois duas idosas desistiram de participar da pesquisa. Os sujeitos dessa pesquisa foram identificados por nomes de flores com intuito de preservar a identidade dos mesmos. A escolha por estes nomes deve-se as características das flores que se assemelham ao perfil dos sujeitos: Gardênia, flor que tem o significado de agradecimento; Chuva de Prata, flor delicada que só encontra sentido e beleza acompanhada de outras flores.

3.6 ETAPAS DA PESQUISA

3.6.1 Levantamento bibliográfico

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material científico já elaborado, formado principalmente de livros e artigos. Constituiu-se como etapa indispensável à execução do estudo, pois permite aos pesquisadores observar as publicações existentes acerca do tema de que se pretende tratar, e, ainda, fornece a fundamentação teórica para sustentar e justificar a investigação (KAHLMeyer-MERTENS et al., 2007; GIL, 2008; FONTELLES et al., 2009).

Assim, realizou-se uma busca de referenciais bibliográficos, a partir do mapeamento das publicações existentes (livros, artigos, monografias, dissertações e teses) sobre a temática em questão no período de 2011 a 2015. Para a busca dos artigos, foram feitas consultas aos periódicos científicos online (UFSCar, USP, Revista chilena de TO, SCIELO, Periódicos da CAPES). Para a busca de dissertações e teses, utilizou-se o banco das principais universidades brasileiras.

Ressalta-se que o levantamento bibliográfico constitui-se como etapa indispensável à execução do estudo, pois permite aos pesquisadores observar as publicações existentes acerca do tema de que se pretende tratar, e, ainda, fornece a fundamentação teórica para sustentar e justificar a investigação (KAHLMAYER-MERTENS et al., 2007; GIL, 2008; FONTELLES et al., 2009).

3.6.2 Primeira etapa: Realização da avaliação e da entrevista semiestruturada

Os sujeitos foram entrevistados individualmente por meio da aplicação do OPHI-II e da entrevista semiestruturada inicial, que foram gravadas em áudio. Esta entrevista foi realizada antes de iniciar a participação dos idosos no grupo.

3.6.3 Segunda etapa: Reavaliação e entrevista semiestruturada

Realizou-se a entrevista final e a reaplicação do OPHI-II junto aos participantes do estudo que foram aplicadas após quatro meses de participação ocupacional no grupo, a fim de comparar os dados qualitativos iniciais e finais.

3.7 ANÁLISES DOS DADOS

Para análise dos dados, foi feita a análise de conteúdo proposto por Bardin que pode ser definido por um conjunto de técnicas de análise das comunicações por meio de etapas sistematizadas e objetivas de descrição do conteúdo dos dados (BARDIN 1997; BARDIN, 2009). A análise de conteúdo das falas dos sujeitos foi realizada a partir das categorias obtidas nas coletas de dados das entrevistas e OPHI-II. Seguiu-se as seguintes etapas que propõe Bardin: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, para que fosse compreendido criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo, as significações explícitas ou ocultas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentar-se-á, primeiramente, a análise dos resultados obtidos na aplicação da Entrevista da História Do desempenho Ocupacional (OPHI II) no que diz respeito à comparação das pontuações da escala Identidade Ocupacional no início e após o término das atividades do grupo, de cada sujeito. Em sequência, apresentar-se-á a descrição da análise dos dados da entrevista semiestruturada direcionada aos idosos em relação aos domínios “prática relacional”, “mudança de autoconsciência”, “qualidades duradouras” e “processos reflexivos”.

4.1 GARDÊNIA

4.1.1 Resultados Relativos à Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II

O sujeito 1 identificado como Gardênia, tem 73 anos de idade, sexo feminino, separada, possui o ensino médio incompleto, é católica, apresenta diagnóstico de artrose, a sua renda mensal variou de um a dois salários mínimos por mês que contava com a sua aposentadoria e auxílio do filho mais velho. O motivo que a levou a participar do grupo foi a manutenção da saúde física.

A partir da aplicação do OPHI-II, observou-se que Gardênia era uma idosa que, se relacionava muito pouco e frequentemente evitava o contato social. Apresentava, além disso,

dificuldades socioemocionais como a ansiedade, o retraimento social, o isolamento e o medo de interagir e relacionar-se com forma efetiva e satisfatória. Alguns desses aspectos podem ser observados no relato a seguir: “*eu vim muito pra baixo, aí eu não queria nada [...] só chorava [...], eu era muito fechada, só chorava [...] eu me sentia assim isolada, triste. Agora não [...] eu era muito presa, eu morria de vergonha, eu morria de medo*”.

Com relação ao seu histórico ocupacional constatou-se que, no passado, ela desempenhou o papel de freira e, após deixar este hábito, casou-se, teve dois filhos e realizava atividades relacionadas aos cuidados de casa. Atualmente, está separada, mora em Belém na residência de uma amiga que conheceu na UNITERCI, enquanto os filhos moram na cidade de São Paulo. Quanto às atividades desempenhadas cotidianamente, elencou a realização de atividades domésticas e manuais (bordado e costura).

Quanto ao grau de funcionamento ocupacional antes de iniciar a participação no grupo, Gardênia apresentou alguma disfunção ocupacional (*score* 2) nos itens “Tem interesses” e “Aceita responsabilidades”, o que pode interferir na sua participação ocupacional. Apresentou função ocupacional boa/satisfatória (*score* 3) nos itens “Tem metas ou projetos pessoais”, “Identifica um estilo de vida ocupacional”, “Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)” e “Você fez as suas escolhas ocupacionais”. E apresentou função totalmente competente (*score* 4) nos itens “Espera sucesso”, “Habilidades e limitações”, “Tem compromissos e valores”, “reconhece identidades e limitações” e “sentir-se eficaz (passado)” (Tabela 1).

Quanto ao grau de funcionamento ocupacional após participar do grupo, Gardênia apresentou diminuição na pontuação dos itens “tem metas e projetos pessoais”, “espera sucesso” e “avalia/ valoriza habilidades e limitações” da escala de Identidade Ocupacional em comparação ao início das atividades do grupo (Tabela 1).

As pontuações obtidas por meio do protocolo OPHI-II permitem calcular um *score* que é a soma das pontuações dadas em cada item. Na primeira entrevista, antes de iniciar sua participação no grupo, Gardênia apresentou um *score* de 36. Na segunda entrevista, esse *score* passou para 38. Observa-se, portanto, que Gardênia teve o aumento de 5% no *score* total, comparando os dados finais com os iniciais. Em relação aos itens avaliados, as pontuações de Gardênia demonstram melhora da funcionalidade ocupacional em 46% dos itens.

Tabela 1 – Pontuações Obtidas na Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II, comparativo antes e após finalização das atividades do grupo.

	SUJEITO1	
	ANTES	APÓS
Tem metas ou projetos pessoais	3	2
Identifica um estilo de vida ocupacional	3	4
Espera Sucesso	4	2
Aceita responsabilidades	2	3
Habilidades e limitações	4	3
Tem compromissos e valores	4	4
Reconhece identidades e obrigações	4	4
Tem interesses	2	4
Você se sentiu eficaz (no passado)	4	4
Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)	3	4
Você fez as suas escolhas ocupacionais	3	4
SCORE BRUTO	36	38

Fonte: Produção dos Autores.

Observa-se, a partir da tabela 1, que a pontuação no item “tem metas e projetos pessoais” diminuiu após sua participação no grupo. A partir da entrevista, constatou-se que as metas estabelecidas pela idosa incluíam resolver conflitos familiares pendentes e realizar funções esperadas para o desempenho de seus papéis ocupacionais, como ilustra o trecho da fala de Gardênia, a seguir:

“Agora tudo que vir é bom né [...]a minha irmã voltou a falar comigo [...],, ela não falava, agora ela me tratou tão bem graças à Deus, o que é uma graça, minha filha também não falava comigo[...]eu vim me embora [...] ai eu vim amargurada, [...] ai eu passei esses cinco anos [...]as minhas amigas [do grupo] que me levantaram [...]. Eu liguei pra ela no dia do aniversário dela [...], eu disse ‘ô filha é a mamãe, mamãe te ama do teu jeito’. Ai ela disse ‘eu também te amo mãe. Quem falou que eu não te amo?’ nossa! Aquilo foi... parece que eu fui no chão lá pro céu e saiu tudo aquilo de mim [...]”.

A partir desta fala, infere-se que a diminuição da pontuação nesse item não está relacionada à impossibilidade desse sujeito em estabelecer metas. Esta diminuição pode estar relacionada à satisfação do alcance de metas tidas como importantes e significativas, que, por sua vez, configuraram-se como fonte de recursos para manter a motivação nas demais atividades em que a idosa está inserida, inclusive a continuidade no grupo do qual participa.

Estes dados estão de acordo com os de Freire (2001), que afirma que a maioria dos projetos pessoais de maior investimento para os idosos são o bem-estar relacionado à família. O autor refere, ainda, que os sujeitos que conseguem alcançar metas de vida tidas como significativas possuem maior quantidade de emoções positivas e senso de significado pessoal que são indicadores do envelhecimento satisfatório e de uma boa qualidade de vida na velhice.

Outros autores discutem que as metas alcançadas muitas vezes só dão lugar a metas novas quando o sujeito verifica a presença de repercussões nas atividades individuais e sociais cotidianas, pois, quando os indivíduos alcançam o sucesso de seus objetivos, experimentam um sentido de eficácia e controle sobre os seus contextos (TEIXEIRA; NERI, 2008; CHRISTIANSEN, 1999). Assim como, outros sujeitos poderão traçar outras metas, pois estas podem funcionar como motivadores para a participação ocupacional. Deste modo, verifica-se que as metas diferem entre as pessoas porque depende das naturezas possíveis do que é central para a sua identidade (CHRISTIANSEN, 1999).

No que se refere à redução da pontuação no item “Valoriza habilidade e limitações” os dados indicam que pode estar relacionado a impedimentos particulares em seus componentes de desempenho que pode ser atribuído a seu quadro de artrose, contudo, o sujeito não sinalizou em nenhum momento o desejo de sair do grupo ou que as atividades do grupo estavam agravando seu estado de saúde funcional.

A literatura aponta que com o avanço da idade há um aumento da dor, fadiga e das limitações físicas decorrentes da presença de doenças crônico-degenerativas, como a artrose, que restringe o estilo de vida ativo e altera o padrão de participação ocupacional dos indivíduos (BORGES, 2011; KIELHOFNER, 2011). Os resultados obtidos por Lopes e colaboradores (2016) apontaram que as doenças oriundas do processo de envelhecer foram salientadas pelas participantes como uma barreira limitante, porém, os autores ressaltaram que isto não impediu que os idosos continuassem praticando atividades físicas e sociais.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Celich e Galon (2009) cujo objetivo foi caracterizar a dor crônica em idosos a fim de evidenciar a influência desta na vida diária e na convivência social. Os seus achados indicaram que muitos idosos que apresentam doenças crônico-degenerativas convivem com a dor, tentando manter a aparência de uma vida normal, desempenhando normalmente as suas atividades de vida diária e social.

Além disso, o fator que mais influenciou na motivação para a permanência e adesão deste sujeito nas atividades grupais relacionou-se ao acolhimento que este recebeu dos coordenadores do grupo neste contexto. Tal aspecto foi citado pelo sujeito no seguinte trecho:

“[...] os professores tudo amável com a gente, eles são meigo, eles perguntam se você tá sentindo isso ou aquilo, tudo, não é fechado só com a aquela pessoa com aquela outra não, é com grupo inteiro, eu me sinto bem aqui [...] professores que eles a gente chega, nem que a gente chegue atrasada, eles vêm tudo abraçam, ai ele vem abraça a gente é um prazer, uma felicidade [...]”.

Segundo os autores Pazos e Santamaria-Vázquez (2015) a Identidade Ocupacional de cada pessoa estará influenciada, dentre outros aspectos, pelo seu entorno sociocultural, que pode moldar os pensamentos e sentimentos volitivos através do qual as pessoas se sentem motivadas a eleger ocupações centrais e realiza-las uma vez que este também pode prover recursos para manter a motivação através do apoio emocional e incentivo para manter esforços para um objetivo.

O estudo de Christiansen (2000) mostrou que a Identidade Ocupacional dos sujeitos idosos sofre forte influência dos relacionamentos com as outras pessoas, pois o apoio e a aprovação social influenciam nas escolhas para os objetivos e ações nas atividades cotidianas. De maneira similar, a capacidade de desempenho também é influenciada por ações e interações com os outros (KIELHOFNER, 2011).

Nesse sentido, observam-se as relações significativas entre o grupo e o seu potencial social. Assim, as trocas relacionais entre coordenadores e participantes fazem parte de um tecido relacional pleno de trocas, interesses e forças que favorecem e afirmam uma vinculação conectiva que fazem brotar relações essenciais de sociabilidade, que são revestidas de contato afetivo nutrindo experiências e possibilidades, as quais são incorporadas ao cotidiano dos sujeitos (CASTRO; LIMA; NIGRO, 2015).

Pode-se concluir, portanto, que a melhora de funcionamento ocupacional bom/apropriado para extremamente competente nos itens “Identifica um estilo de vida ocupacional”, “Tem interesses”, “Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)” e “Fez as suas escolhas ocupacionais”, e a melhora de alguma disfunção ocupacional para funcionamento ocupacional bom/apropriado no item “Aceita responsabilidades” podem estar associadas à participação de Gardênia no grupo.

Os indivíduos estão sempre em busca de melhorar sua condição humana e o seu potencial de alcance do que podem fazer, ser, e se esforçar para se tornar e pertencer aos seus contextos (WILCOCK, 2007). Neste sentido, essas pessoas criam ou adaptam as suas identidades através do engajamento em ocupações que se tornam significativas ao longo do tempo, tornando-se parte de um determinado estilo de vida ocupacional e lhes atribuindo sentido de propósito e estruturando seu cotidiano (CHRISTIANSEN, 1999; UNRUH, 2004; HIRSCHI, 2012).

Conforme a literatura, o grupo à disposição do idoso em diversas instituições torna-se, para muitos deles, uma atividade significativa, que permite o exercício de papéis, o desenvolvimento de suas potencialidades, e ainda, possibilita a inserção, interação e participação no contexto onde este se desenvolve, contribuindo assim para o aumento da

autoestima, da motivação e do interesse dos participantes (PAVIN, 2009; GUERRA; CALDAS, 2010; PONTES; POLATAJKO, 2016). Portanto, o grupo como uma ocupação significativa pode moldar a Identidade Ocupacional já constituída ao longo da vida dos sujeitos idosos, visto que as identidades estão intimamente ligadas ao que fazemos e das nossas interpretações dessas ações no contexto de nossos relacionamentos com os outros, conforme indica Gardênia em sua fala:

“[...] o calor humano deles todos, dos professores, das professoras tudo, me abiu muita, coisa boa (choro). [...] eu só vivia trancada, vivia sozinha [...] e agora não, eu sei que eu tenho que viver em comunidade e [...] eu tenho calor humano, as pessoas gostam de mim, eu gosto das pessoas, o importante é isso pra gente né? O que a gente leva dessa vida é isso. E que eu não era, eu não era assim [...]”.

Outro ponto a ser destacado refere-se ao processo de responsabilização ocorrido durante a maturidade grupal que envolve mudanças de atitude dos integrantes do grupo a partir do seu engajamento em tarefas, que potencializam transformações nos modos como as pessoas se interrelacionam e valorizam o compromisso com o cuidado humano. Os integrantes do grupo criam um acordo assumido por todos e não por um indivíduo sozinho, seja pelo respeito pelo contrato grupal, seja pelas trocas de experiência e aprendizados que ocorrem no grupo, o que reflete em atitudes, valores e acolhimento do outro (MOTA; MUNARI, 2006; LIMA, 2015; NICOLAU, 2015).

Gardênia traz no conteúdo do seu discurso o significado dessa responsabilidade de cumprir o contrato estabelecido junto ao grupo, destacando em sua fala que valoriza o compromisso dos coordenadores, conforme o trecho: *“[...] venho pra universidade dia de terça e sexta [...] os professores foram tão bons pra gente a gente tem que ser bom pra outra pessoa né? [...] eles deram exemplo pra gente, ai eu acho que eu tô melhor”.*

Todas as experiências grupais constituídas ao longo do processo grupal favoreceram a continuidade de ocupações e afirmaram características que permaneceram constantes ao longo do tempo. Constatou-se que os itens “têm compromissos e valores”, “Reconhece identidades e obrigações” e “Sentimento de eficácia” (no passado) se manteve em funcionamento ocupacional extremamente competente (ver tabela 1). A partir disso, ilustra-se que o ser autônomo na mobilidade na comunidade foi destacado como sinônimo de autonomia e funcionalidade que lhe desperta sentimento de eficácia, como se nota nesta fala: *“Eu consigo sozinha. Eu tinha medo de sair sozinha, agora eu saio sozinha, eu sei ir sozinha [...]”.*

Estes achados confirmam que o engajamento grupal acarreta em benefícios para Gardênia não apenas pelo aumento de pontuação nos itens, mas também pela manutenção das

condições de autonomia e funcionalidade, e conseqüentemente, por tornar possível a participação ocupacional, que é fundamental para a identidade ocupacional.

No estudo realizado por Santos, Silva e Khoury (2009), que objetivou comparar dois grupos de desenvolvimento psicossocial para idosos, em diferentes instituições e períodos. Os dados demonstraram que o grupo composto por idosos da UNITERCI apresentaram uma média maior no que se refere ao domínio manutenção. Os autores indicaram que o engajamento dos idosos em um grupo estruturado com a contribuição de vários profissionais lhes proporciona conhecimentos e oportunidades diversificadas, sendo fundamental para a manutenção de habilidades físicas e psicossociais dos sujeitos.

Outros autores discutem que o processo grupal permite, também, que a experiência vivenciada encontre meios de estimular novas formas relacionais para fazer brotar uma nova cotidianidade ao mesmo tempo em que mantém aquelas características já presentes no indivíduo que são essenciais para estimular o sujeito a se envolver no cerne dos acontecimentos, vivenciando uma participação ocupacional satisfatória (KIELHOFNER, 2011; CASTRO; LIMA; NIGRO, 2015).

4.1.2 Resultados Referentes à Entrevista Semiestruturada

4.1.2.1 Prática Relacional

Com relação à prática relacional foi possível perceber que o engajamento no grupo forneceu um sentido de pertencimento e compreensão de seu lugar no mundo, fortalecendo a sua participação ocupacional e estabelecendo novos repertórios relacionais de amizade e afeto. Gardênia destaca em seu discurso o cuidado afetivo que recebe dos participantes do grupo:

“[...] atenção, né? E aonde eu tô eles me dão, eles me compreendem, eles me dão muita atenção, muito carinho e não são meus parentes, são pessoas estranhas pra mim [...] como ele disse ‘a senhora tá aqui como se fosse da família’[...] parece que ficou amplo, ficou amplo a conversa, a gente conversa, a gente brinca, ficou legal pra mim, eu me sentir bem.”

Essa construção de vínculos afetivos se constituiu durante o convívio cotidiano no grupo através de momentos de conversas, de brincadeiras, das atividades propostas que geram espontaneidade, alegria e bem-estar, contribuindo para o enfrentamento da solidão desses sujeitos. Tal construção pode ser constatada a partir da própria fala de Gardênia, quando ela diz que:

“No corpo e movimento acho que aprendi [...] tudo [...], amizade, amizade, o calor humano deles todos, dos professores, [...] me abiu muita coisa boa (choro) muita coisa boa que eu só vivia trancada, vivia sozinha [...] a gente

vem pra cá a gente se sente bem, a gente vem com a cabeça meia pesada, aí aqui gente se sente bem, se sente feliz, se sente alegre [...]”

A partir dessas falas, verifica-se que a participação no grupo pode contribuir para a continuidade na aquisição de habilidades e competências importantes para a reorientação da identidade ocupacional, refletindo nas atividades e relações diárias do sujeito, pois o sujeito é exposto a novas possibilidades de aprendizados que possibilitam realizações pessoais e novos relacionamentos, colaborando no enfrentamento de dificuldades e que dão um significado ao fazer grupal.

Neste sentido, o grupo mostra-se como facilitador de novas significações de vida, uma vez que proporciona a emergência de relações significativas e viabiliza o trabalho em conjunto para o enfrentamento dos complexos temas que atravessam o cotidiano dos sujeitos e a vida das pessoas envolvidas (CASTRO; LIMA, NIEGRO, 2015). A participação ocupacional articula-se com as relações de força e sentido que proporcionam um mecanismo para a interação social, porque os sujeitos não se vinculam em buscas separadas para encontrar sentido na vida, as vidas estão inextricavelmente ligadas umas às outras, e adquire significado, valores, motivação, interesses e comportamentos a partir das vivências no grupo no qual pertence (CHRISTIANSEN, 1999; URIBE; ROJAS; PÉREZ, 2011).

Assim, um fator importante que afeta a medida na qual a identidade e a competência ocupacional são positivas para o sujeito idoso parece estar envolvida com o fato de o sujeito ter uma ocupação motivadora e com elementos motivadores, como o entorno social (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004; KIELHOFNER, 2011). Nessa direção, Moura e Souza (2015) destacam que os participantes de sua pesquisa elencaram como principal motivo para procurarem o grupo de convivência foi estabelecer relacionamentos pessoais e ter amigos, bem como, evidenciaram que os vínculos afetivos foram a maior motivação para a permanência no grupo. Dessa maneira, percebe-se a importância que a participação ocupacional no grupo exerce na vida desse sujeito, pois ali o idoso tem a possibilidade de encontrar estímulos para a prática relacional e criação de vínculos afetivos que reflete no seu bem-esta e senso de si.

4.1.2.2 Mudanças de Autoconsciência

No que diz respeito à mudança de autoconsciência foram encontrados aspectos relacionados às mudanças que agregaram valores na vida cotidiana, novos sentidos de viver e modos de participar em suas ocupações. Observou-se que Gardênia passou a valorizar mais as atividades de autocuidado, como um meio de demonstrar as mudanças ocorridas em sua identidade durante o processo grupal, o que foi percebido pelo grupo familiar, como se observa

neste relato: “[...]tô tão bem [...]ele falou [o filho]: mãe tu tá tão bem! Nunca teve uma oportunidade dessa mãe, de tu aprender [...] de tu dançar, de tu sair, de tu te enfeitar, te pintar [...] eu não usava unhas cumpridas, ô agora como eu tô [...]”.

Gardênia ressaltou ainda que a participação no grupo ofereceu condições para mudar aspectos da sua identidade que restringia a sua participação ocupacional diária e o convívio social com outras pessoas, conforme ilustra a seguinte fala:

“Enxergo [mudanças], brincar mais, conversar mais, olhar mais pras pessoa, olho no olho, que antigamente eu olhava pra baixo [...]. Eu me trancava, não conversava, eu não ouvia o que as pessoas conversavam eu não gostava, eu gostava de ficar só eu [...]. Agora, não.”

Dessa maneira, a sua participação grupal favoreceu aproximações que ultrapassaram o limite do grupo e se expandiram para outros contextos, fazeres e interesses ocupacionais. Gardênia elencou algumas atividades que se tornaram parte do seu rol de ocupações:

“[...] a gente passeia, a gente tem uma convivência social legal, sabe? Da UNITERCI, a gente vai, dança lá, a gente vai pra PPD [...], eu dancei, a gente comeu, tem muitas amigas, muitas colegas, [...] tem muita gente que participa do nosso grupo de alegria, [...] a gente vai pra barzinho toma umas cerveja.”

Christiansen (1999; 2000) argumenta que a participação em ocupações sociais pode ajudar a criar ou a modificar uma identidade, e as mudanças ocorridas tem repercussões em outras atividades cotidianas do indivíduo. Estudos abordando a temática identidade e ocupação discutem que é inegável a conexão entre o fazer e a identidade, bem como, que a identidade constitui-se graças a um desenvolvimento contínuo de modificação e/ou reafirmação que é influenciado pelas relações sociais, que toma coerência e significado em situações diárias, novos interesses ocupacionais que vão sendo incorporados no rol ocupacional dos sujeitos (LILLO, 2003; RUBIO; SANABRIA, 2011; HIRSCHI, 2012).

No estudo de Howie, Coulter, Feldman (2004) que analisou como o engajamento em profissões criativas (artes e ofícios tradicionais) moldou o desenvolvimento e a manutenção de identidades ocupacionais de seis sujeitos aposentados. Em relação as mudanças de autoconsciência, os resultados apontaram que os participantes ao longo de suas narrativas refletiram uma consciência de si mesmas em resposta à influência de outros nos contextos sociais dos quais participam e nas suas próprias mudanças de atitudes, interesses e habilidades, assim, algumas mudanças ocorrem devido as pessoas aprenderem que são agentes ativos em suas vidas e da sua relação com as outras pessoas.

Sarriera e colaboradores (2001) em seus achados sobre a formação da Identidade Ocupacional em adolescentes destacaram a importância que as relações sociais têm como ferramentas fundamentais para obtenção de informações e aprendizagem, e ainda, como

oportunidade de ampliar a rede de amizades por meio do qual os sujeitos encontram o sentido de vida frente à possibilidade de se engajar em fazeres antes não realizado. Dessa maneira, a identidade ocupacional é enriquecida pelas reflexões que são feitas das experiências, informações e aprendizagens obtidas por meio das relações sociais.

4.1.2.3 Qualidades duradouras

No que tange experiências (qualidades e/ou características) apreendidas pelo sujeito da pesquisa durante as ocupações que desempenhou ao longo da vida, Gardênia evidenciou o “*Respeito com o outro*” como uma qualidade apreendida durante a sua vida ocupacional, que é fundamental para sua participação em qualquer contexto, pois aprendeu “[...] *ser uma mulher mais dinâmica, mais compreensiva*” na sua relação com as outras pessoas.

Verificou-se que a qualidade evidenciada na entrevista inicial, o respeito nas relações sociais, permaneceu consistente ao longo de sua permanência no grupo, conforme indica a fala: “[...] *com educação, com respeito, com carinho [...], eu gosto, eu gosto de tudo certinho, eu não gosto de grupinho que fica falando dos outros [...]*”. Além disso, Gardênia evidenciou outra característica apreendida a partir das suas vivências anteriores, ressaltando a sua preocupação em executar as suas atividades dentro dos padrões e horários que são estabelecidos para ela, o que pode ser observado nesta fala: “[...] *Eu entrei com isso e quero sair com isso, eu que sempre aprendi, porque [...] freira tem hora de dormir, tem hora de levantar, tem hora de escovar os dentes, hora de ir ao banheiro, tem hora de tudo, então eu continuo assim*”.

A participação em ocupações e o significado subjetivo adscrito proporciona aos sujeitos o acúmulo de aspectos e experiências que são relevantes para o engajamento ocupacional e se mantêm relevantes ao longo do tempo, tornando-se essenciais no estabelecimento de vínculos, no compartilhar, diferenciar-se, e também, como base para o desenvolvimento ou reconstrução da identidade, pois o ser ocupacional está imerso em um processo de transformação permanente ao mesmo tempo em que acumula aquilo que é relevante para a participação ocupacional (RUBIO; SANABRIA, 2011).

De forma semelhante, Ayuso (2010) ressalta que algumas características apreendidas ao longo do envolvimento dos sujeitos em ocupações produzem aprendizagens que se tornam transversais e comuns às atividades futuras que irão ser desempenhadas e que serve de material para a manutenção e reformulação da identidade e expressão desta.

Kielhofner (2011) argumenta que em qualquer momento em que fazemos algo (novo ou não) é possível vir uma diversidade completa de experiências anteriores, que são bases para as convicções dos sujeitos acerca de como fazer e porque está fazendo. Dessa maneira, as

experiências duradouras referem-se, então, a pensamentos e sentimentos despertados de experiências anteriores que emerge do íntimo do desempenho e em resposta a este (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004). Assim, infere-se que o engajamento ocupacional no grupo fornece um contexto onde o sujeito ao mesmo tempo em que descobre potenciais para realizar novas coisas, utiliza o já apreendido como base para escolhas e decisões ocupacionais.

4.1.2.4 Processos Reflexivos

Gardênia ao ser levada a refletir sobre as experiências que viveu no grupo, respondeu, que o grupo tem relação com todos os aspectos positivos da sua vida, como pode ser visto na seguinte fala: *“Eu acho que... tudo professora de bom na minha vida”*. No que diz respeito a contribuição do grupo na identidade ocupacional, Gardênia ressaltou que o grupo possibilitou aprendizagens, o desenvolvimento de potencialidades, a melhora da autoestima, da segurança, e também, esta vivência pode ter contribuído para direcioná-la na busca de outros valores e ações no que tange ao cuidado de si. A fala seguinte representa este pensamento:

“Eu aprendi muitas coisas no ‘corpo e movimento’, na arte e cultura eu aprendi muitas coisas que eu não sabia [...]. Me soltei pra mim fazer coisas boa pra mim também né, pra mim, que eu não fazia, ainda falta muita coisa, mas eu tô fazendo de pouco a pouco [...], eu era muito, muito presa assim, eu morria de vergonha, eu morria de medo, tudo eu tinha medo [...]”

Diante disso verifica-se que quando o sujeito se envolve em uma ocupação significativa, no caso a participação, no grupo, aumenta as habilidades de enfrentamento de dificuldades e desafios diários, o que proporciona que o indivíduo encontre meios que reflita os seus pontos fortes, interesses, objetivos e cuidados consigo mesmo (HIRSCHI, 2012). Dessa forma, as aprendizagens obtidas na participação ocupacional pode fazer parte da identidade dos sujeitos, assim como, suas implicações para o futuro, de modo que a identidade ocupacional torna-se um meio para se autodefinir e como base de um anteprojeto para ações próximas ou futuras (CHRISTIANSEN, 1999).

Portanto percebe-se que os indivíduos não apenas experimentam o que fazem, mas também, refletem acerca dele ou interpretam essa experiência (como desempenhei?, como foi fazer algo assim?, valeu a pena fazê-lo?) derivando significações nas percepções sobre o presente e o futuro a partir de reflexões e reavaliações realizadas pelo sujeito da sua participação ocupacional, que muitas vezes melhora a consciência de si e de suas prioridades pessoais (CHRISTIANSEN, 1999; HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004; KIELHOFNER, 2011).

Nesse sentido, ao refletir sobre o que faz o sujeito afirma o senso de si, e, logo, mais sobre quem ele é ou se constituiu.

Nos achados de Wichmann e colaboradores (2013) os idosos destacaram que a participação em grupos de convivência, onde compartilham suas angústias, tristezas, amores, alegrias, afetos, saberes, reduzem sentimentos como medo, insegurança, depressão, o que influencia na consciência das experiências e de si de maneira positiva que permite os sujeitos se autoavaliarem por afetos positivos que se sobressaem aos negativos. Isto corrobora com os achados deste estudo, que mostram que a vivência no grupo para este sujeito contribuiu para motivá-lo ao cuidado de si e ao enfrentamento de dificuldade e sentimentos de medos e inseguranças que faziam parte do seu cotidiano.

4.2 CHUVA DE PRATA

4.2.1 Resultados Relativos à Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II

Sujeito 2 identificado como Chuva de Prata, 62 anos de idade, sexo feminino, solteira, possui o ensino médio completo, é católica, não apresenta nenhum diagnóstico clínico, a sua renda familiar variou de um a dois salários mínimos por mês. O motivo que a levou a participar do grupo foi a fuga da rotina diária e a vontade de fazer parte de um grupo de convivência.

A partir da aplicação do OPHI-II, verificou-se que Chuva de Prata era uma idosa tímida e passava muito tempo sozinha em casa, como ilustra o seguinte trecho: “[...] eu era uma pessoa que vivia só em casa, não tinha outras amizades [...]”. A partir da sua participação no grupo da UNITERCI aprendeu a interagir mais socialmente, criou e ampliou seus laços de amizade, passou a vivenciar mais momentos de lazer, como por exemplo, ir ao cinema. Tal fato pode ser constatado quando ela diz que:

“[...] (suspiros) é tudo tão bom, encontrei tanta coisa boa com esse grupo, por que praticamente eu vivia vegetando só dentro de casa, apesar de ter a presença dos meus filhos, mas eles fazem as coisas deles [...] nunca fui de sair muito, mas agora com o grupo, eu gosto de sair com as amigas que fiz, de ir ao cinema [...]”.

Em relação ao histórico ocupacional de Chuva de Prata, ela relatou que, no passado, era cuidadora principal de seus pais e, após o falecimento destes, precisou trabalhar para cuidar de dois filhos adotivos. Atualmente, tem sua casa própria e a filha mais nova mora com ela. Em relação às atividades desempenhadas no seu cotidiano selecionou a realização das atividades domésticas e manuais (artesanato), além da participação no grupo da UNITERCI.

Quanto ao grau de funcionamento ocupacional da escala de Identidade do OPHI-II Chuva de Prata apresentou função ocupacional boa/satisfatória (*score* 3) em “sentir-se eficaz

(passado)”, “Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)” e” Você fez as suas escolhas ocupacionais”. Apresentou função totalmente competente (*score* 4) em “Tem metas ou projetos pessoais”, “Identifica um estilo de vida ocupacional”, “Espera sucesso”, “Aceita responsabilidade”, “Habilidades e limitações”, “Tem compromissos e valores”, “reconhece identidades e limitações” e “Tem interesses” (ver tabela 2).

Quanto ao grau de funcionamento ocupacional após participar do grupo, Chuva de Prata apresentou mais itens com manutenção da função ocupacional (73%) e aumento na pontuação e nenhum item com diminuição na pontuação (Tabela 2).

As pontuações obtidas por meio do protocolo OPHI-II permitem calcular um *score* que é a soma das pontuações dadas em cada item. Na primeira entrevista, antes de iniciar sua participação no grupo, Chuva de Prata apresentou um *score* de 39. Na segunda entrevista, esse *score* passou para 41. Observa-se, portanto, que Chuva de Prata também teve o aumento de 5% no *score* total, comparando os dados finais com os iniciais. Em relação aos itens avaliados, as pontuações de Chuva de Prata demonstram melhora da funcionalidade ocupacional em 27% dos itens.

Tabela 2 = Pontuações Obtidas na Escala de Identidade Ocupacional do OPHI-II, comparativo antes e após finalização das atividades do grupo.

ESCALA DE IDENTIDADE OCUPACIONAL – OPHI-II		
	SUJEITO 2	
	ANTES	APÓS
Tem metas ou projetos pessoais	4	4
Identifica um estilo de vida ocupacional	4	4
Espera Sucesso	4	4
Aceita responsabilidades	4	4
Habilidades e limitações	4	4
Tem compromissos e valores	4	4
Reconhece identidades e obrigações	4	4
Tem interesses	4	4
Você se sentiu eficaz (no passado)	2	3
Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)	2	3
Você fez as suas escolhas ocupacionais	3	3
SCORE BRUTO	39	41

Fonte: Produção dos Autores.

Observa-se na tabela 2, que o sujeito apresentou aumento na pontuação dos itens “sentir-se eficaz (passado)”, “Sentido, satisfação em seu estilo de vida (no passado)” e “Você fez as suas escolhas ocupacionais” após quatro meses de participação no grupo. Nesse sentido, pode se associar estas melhoras de Chuva de Prata à sua participação no grupo. Conforme indica a

sua fala: “[...] eu era uma pessoa que vivia só em casa, não tinha outras amizades e agora com o grupo tenho uma segunda família, que são meus amigos [...] estou mais ativa, mais alegre”.

A partir desta fala, infere-se que ao frequentar o grupo, o sujeito teve oportunidade de vivenciar e compartilhar outras experiências relacionais, se engajar em ocupações que se tornaram significativas, o que influenciou na sua identidade, tornando-o um sujeito mais ativo e alegre, o que provavelmente não aconteceria caso permanecesse restrito ao ambiente doméstico.

Estes dados estão de acordo com os de Unruh (2004), que afirma que as experiências compartilhadas a partir de uma história de participação ocupacional ajudam a formar uma identidade ocupacional uma vez que esta evolui em resposta a experiências que os sujeitos se oportunizam nos contextos familiares e, também, sociais, que abrangem a interrelação com as outras pessoas, sendo fundamental para a coerência, significado e bem-estar na ocupação.

Outros autores discutem que as experiências, traduzem, por sua vez, aspectos particulares, que revelam percursos históricos diversos, e especialmente, múltiplas formas de ler e atuar sobre a realidade (OLIVEIRA; VALLA, 2001). Assim, as configurações grupais permitem que os sujeitos apreendam novos sentidos do viver para maior autonomia e reconstrução nos modos de participar da vida (CASTRO; LIMA; NIGRO, 2015).

Além disso, o grupo compõe um tecido relacional que estimula novas formas relacionais entre os indivíduos, revestidas de contado afetivo que nutre formas de contato e aproximação onde os idosos compartilham suas angústias, tristezas, amores, alegrias, afetos, saberes, conversam e trocam experiências de vida, e assim, reduzem sentimentos como medo, insegurança, depressão (WICHMANN et al., 2013; CASTRO; LIMA; NIGRO, 2015). Diante disso, o grupo constitui-se um espaço onde que possibilita o fazer novas e boas amizades (WICHMANN et al., 2013).

Em relação aos itens “tem metas ou projetos pessoais”, “Identifica um estilo de vida ocupacional”, “Espera sucesso”, “Aceita responsabilidades”, “Valoriza as habilidades e limitações”, “Tem compromissos e valores”, “Reconhece identidade e obrigações” e “Tem interesse”, estes mantiveram-se com a pontuação máxima, *score* 4 (função ocupacional totalmente competente), conforme mostra a tabela 2.

Pode-se inferir que as experiências vivenciadas por indivíduos em grupos não visam somente melhorar, mas objetivam também trabalhar a manutenção da funcionalidade, do desempenho de papéis ocupacionais e valores já exercidos por esse indivíduo, como podemos observar na fala de Chuva de Prata:

“Como disse, o grupo ajudou em tudo [...] Hoje faço atividade física [...] minha saúde melhorou, não que fosse ruim, mas me sinto mais ativa [...] me sinto mais disposta pra fazer uma comida pra mim e pra minha filha [...], eu gosto de fazer isso, não acho que me dá tanto trabalho continuar cuidar da casa, cuidar da minha filha e do meu filho também quando vai em casa, porque é bom ser uma mãe admirada”.

A partir dessa fala, observa-se que o engajamento grupal passa ser bem sucedido não apenas pelo acréscimo de pontuação nos itens, mas também, pela manutenção das condições de autonomia e funcionalidade, pois compreende-se que as mudanças de comportamentos individuais e/ou coletivas podem trazer benefícios biopsicossociais para a adesão e manutenção da saúde e nas atividades de vida diária.

Conforme a literatura, a funcionalidade pode ser entendida como a capacidade da pessoa desempenhar determinadas atividades ou funções, utilizando-se de habilidades diversas para a realização de interações sociais, em suas atividades de lazer e em outros comportamentos requeridos em seu dia-a-dia (DUARTE; ANDRADE; LEBRÃO 2007). Joia, Ruiz e Donalísio (2008) encontraram como fator mais importante relacionado à melhoria da saúde entre idosos de Botucatu-SP o fato de estar satisfeito com as atividades de vida diária. Para os autores, esses dados corroboram a afirmativa de que a capacidade funcional e/ou autonomia é um indicativo da satisfação com a saúde e com a própria vida.

Dessa maneira, pode-se inferir que o grupo pode funcionar como estimulador de habilidades para a realização de atividades cotidianas. Nos estudos de Silva e Yassuda (2013) os dados mostraram que idosos socialmente participativos e engajados em atividades de lazer tenderiam a ter melhor desempenho em suas ocupações no cotidiano. De forma semelhante, Maximino e Liberman (2015) percebem o grupo como um espaço gerador de possibilidades, que ao longo do tempo, permite aos indivíduos ampliar a capacidade de inventar, refletir, questionar pensamentos e ações, ajudando os sujeitos a organizar e a desenvolver estratégias para gerenciar aspectos de sua vida.

Assim, idosos que são expostos a ambientes menos estimulantes poderiam reduzir o uso de suas habilidades, o que os levaria a um padrão de desempenho cada vez pior e, conseqüentemente, ao desuso de certas habilidades. Nesse sentido, os autores Silva, Lima, Galhardoni (2008) propuseram que o engajamento com a vida é um dos aspectos essenciais do envelhecimento bem-sucedido.

4.2.2 Resultado Referente à Entrevista Semiestruturada

4.2.2.1 Prática relacional

Os dados relacionados à prática relacional demonstraram a satisfação de Chuva de Prata ao participar do grupo, o que pode influenciar na construção da Identidade Ocupacional desse indivíduo, quando se entende que a identidade do idoso é concebida a partir das atividades realizadas no seu cotidiano, assim observado na fala de Chuva de Prata:

“Ah tô! (risos) Muito satisfeita e feliz [...] agradeço a Deus por ter entrado nesse grupo e também a professora Naime que me ajudou a entrar [...] o grupo é ótimo, as pessoas aqui são muito legais, eu me sinto bem fazendo as coisas aqui, eu gosto muito mesmo!”

Quando Chuva de Prata diz que: *“Eu sou uma pessoa assim, venho pra cá, participo do grupo, faço arte e cultura [...] Me considero um ser ativo, não gosto de ficar parada de jeito nenhum”*, ela se definiu como um ser ocupacional ativo, que vivenciou mudanças na percepção de si mesmo a partir das relações no grupo, uma vez que antes do engajamento no grupo passava a maior parte do tempo em casa e hoje se considera ativa.

Assim verifica-se a importância das vivências grupais e de como estas afetam as outras ocupações e o senso de si, o que influencia nessa prática relacional. Notou-se que Chuva de Prata passou a demonstrar mais interesse em seus aspectos físicos, mentais e sociais, além disso, percebeu-se que as relações sociais estabelecidas favoreceram a incorporação de novas atividades no rol ocupacional do sujeito, com os colegas do grupo em outros contextos extra-universidade, como observado na sua fala:

“Eu vejo que o grupo ajudou em tudo na minha vida, sabe? Hoje, como falei, eu cuido de mim, me preocupo com minha saúde [...] as amizades que fiz aqui também é muito importante pra minha vida [...] hoje, eu saio com as amigas que fiz aqui, porque a gente não fica só na sala da UNITERCI, a gente sai pra passear, pra fazer outras coisas, sempre tenho uma companhia aqui”.

A Identidade Ocupacional inclui autoconhecimento volitivo através do qual as pessoas se sentem motivadas a eleger ocupações e realizá-las, considerando que a volição se realiza através da vontade da pessoa, dos valores e interesses, e da participação ocupacional, os domínios culturais e sociais podem determinar os pensamentos e sentimentos volitivos, logo, a Identidade Ocupacional de cada pessoa estará influenciada, dentre outros aspectos, pelo seu entorno sociocultural (PAZOS; SANTAMARIA-VÁZQUEZ, 2015).

Outros autores ressaltam que o contexto relacional dos sujeitos com os outros é necessário para fornecer um sentido de propósito e estrutura nas atividades do dia-a-dia dos indivíduos, que reflete na derivação de interesses ocupacionais e o significado da experiência diária (CHRISTIANSEN, 2000; HIRSCHI, 2012).

Dessa maneira a participação ocupacional em atividades sociais envolve mais do que movimentos, mais do que simplesmente fazer algo, é aprender a tornar-se parte de um contexto que ao mesmo tempo oportuniza expressar o eu e moldar uma identidade. Despertando o estar bem sobre si mesmo e a respeito da aprovação social do meio, esta discussão enfatiza a importante relação entre identidade, ocupações, competência, participação social e significado (CHRISTIANSEN, 1999; CHAN, 2014). Nesse sentido, percebe-se como o envolvimento ocupacional desse sujeito no grupo é importante para a prática relacional, uma vez que favorece o conhecimento de si mesmo a partir das relações estabelecida com o outro e com o meio onde se estar inserido, o que reflete no seu bem-estar.

4.2.2.2 Mudança de autoconsciência

No que diz respeito à mudança de autoconsciência, os resultados demonstraram que a participação de Chuva de Prata no grupo funcionou como alternativa para minimizar os efeitos do envelhecimento, oportunizou a criação e ampliação de possibilidades para conhecer novas pessoas, construir amizades, divertir-se, entre outras razões. Percebeu-se, ainda, que ela passou a valorizar mais o seu autocuidado, como pode ser observado na fala de Chuva de Prata:

“Mudou muita coisa né [...] eu era uma pessoa que vivia só em casa, não tinha outras amizades e agora com o grupo tenho uma segunda família, que são meus amigos [...] estou mais ativa, mais alegre [...] passei a me cuidar mais, sabe? Estou mais cuidadosa comigo mesma”.

Dessa maneira, verificou-se que o envolvimento grupal repercutiu positivamente no engajamento ocupacional desse sujeito, que passou a se perceber como um sujeito mais ativo para a realização de atividades físicas e corporais, e que encontra no grupo o suporte afetivo que motiva essa participação ocupacional, o que pode trazer benefícios significativos para a sua saúde física e mental, e conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida, como ressalta Chuva de Prata na sua fala:

“A minha rotina diária mudou muito e mudou pra melhor [...] hoje não pode faltar no meu dia a dia uma atividade física, seja como for [...] depois do grupo Corpo e Movimento eu me sinto muito melhor na minha saúde, mais ativa, antigamente eu sentia que acordava de manhã inchada, até minha filha falou que hoje eu estou diferente, e pra melhor [...] até melhor que ela mesma (risos) [...] então é bom, eu gosto de estar com o grupo, com essas pessoas todo dia aqui”.

No trecho da fala de Chuva de Prata abaixo, pode-se perceber que o que a levou a participar do grupo para terceira idade foi a fuga da sua rotina diária monótona e sozinha a maior parte do tempo, com pouca oportunidade de lazer e trocas sociais, sendo motivada pelo seu grupo familiar a incorporar novos fazeres no seu cotidiano: *“Sempre tive vontade de*

participar de algum grupo e queria sair da rotina de ficar só em casa [...] Então minha filha ficou sabendo do grupo da UNITERCI, entrou no site e eu vim me inscrever”.

Esses resultados confirmam a afirmação de muitos estudos, que discutem a busca pela socialização e o interesse em criar e aumentar laços de amizade dos sujeitos como importantes agentes impulsionadores da participação de idosos nos mais diversos programas de lazer, assim como o engajamento em grupos (PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006; SOUZA; GARCIA, 2008; FERNANDES et al., 2011).

Pode-se perceber que o que leva, na maioria das vezes, um indivíduo idoso a participar de um grupo para terceira idade é a fuga da sua rotina diária cercada de fazeres repetitivos e monótonos, e muitas vezes, sente a necessidade de realizar atividades de lazer. E por meio do grupo podem adquirir novos conhecimentos, encontrar variedade de práticas sociais e fazer amigos.

Corroborando com isso, o estudo de Fernandes e Colaboradores (2014) apresentam considerações sobre as relações de amizade como suportes socioemocional ao idoso, sendo eficazes para o bem-estar, por isso são elencadas como relações satisfatórias, embora ainda sejam escassos os estudos que focalizem as relações de amizade na terceira idade, inclusive aquelas formadas a partir de uma convivência compartilhada em grupo de idosos.

A participação de idosos nos grupos voltados para essa faixa etária pode trazer diversos benefícios, como: afastar a solidão, propiciar amizades, aumentar a autoestima, melhorar a integração com familiares, resgatar valores pessoais e sociais, oferecer suporte social e a adoção de um estilo de vida mais ativo, pois nestes são realizadas atividades de lazer, culturais, intelectuais, físicas, manuais, artísticas e de convívio grupal (LEITE, 2012; BENEDITTI, MAZO, BORGES, 2012).

Nos estudos de Souza e Souza (2008), Passos e Colaboradores (2008) e Matsudo (2001), os resultados convergem para a importância da atividade física grupal para o idoso, uma vez que com as relações estabelecidas no grupo há o apoio para não desistência da realização de exercícios físicos cuja prática reduz efeitos deletérios provocados pelo envelhecimento e ainda reduz problemas psicológicos, como ansiedade e depressão. Além disso, a atividade física auxilia o idoso a realizar atividades de vida diária.

Para Mota e Colaboradores (2006) a atividade física regular em idosos é igualmente importante para o aumento ou preservação da força e da potência muscular, manutenção da mobilidade e da vida independente, além de auxiliar na prevenção e redução das quedas e das fraturas que trás benefícios significativos que torna o idoso um sujeito ativo. Considerando

todos os benefícios promovidos pela prática regular de atividade física, tem sido sugerido que esta seria uma alternativa para melhorar a qualidade de vida dos idosos.

Nesse sentido, Lim e Colaboradores (2006), em um estudo transversal, demonstraram que há uma correlação moderada e positiva entre a atividade física e os benefícios para a qualidade de vida. Dessa maneira, o envolvimento grupal pode trazer benefícios para as atividades de vida diária através das práticas de atividades físicas e corporais, gerando melhoria da qualidade de vida, fortalecendo a saúde física e mental dos indivíduos idosos, pois estes passam a cuidar mais de si a partir do momento que suas próprias mudanças de atitudes e interesses refletem na sua vida e saúde.

4.2.2.3 Qualidades/Experiências Duradouras

Os resultados sobre qualidades/experiências duradouras mostraram como a participação e os acontecimentos sejam no trabalho, na vida familiar ou social pode influenciar as experiências ao longo da vida do indivíduo, como observado na fala de Chuva de Prata: *“Trabalhei desde cedo e cuidei dos meus pais doentes [...] aprendi a ter responsabilidade no trabalho e na vida [...] aprendi que tem que saber chamar atenção de uma pessoa, seja na casa ou no trabalho”*.

Desse modo, ainda de acordo com os resultados, essas experiências vivenciadas ao longo da trajetória pessoal agregaram valores na identidade do sujeito que servem de base de referência para os aprendizados a partir da participação no grupo, fazendo com que o sujeito reflita e relacione o aprendido com as experiências passadas e o que isto influi no seu cotidiano. Tal situação fica evidenciada na seguinte fala de Chuva de Prata:

“eu já sabia algumas coisas de artesanato e usei isso aqui, e ainda aprendi mais coisas como pintura e feltro [...] com isso fiz dez taças pra dar de presente pra minhas irmãs. Eu gostei, porque eu criei as taças [...] no grupo a gente aprende a respeitar o momento de cada um, e isso é muito importante pra convivência em qualquer lugar”.

O envolvimento ocupacional dos sujeitos ao longo do tempo e o significado subjetivo proporciona aos mesmos o acúmulo de experiências que são relevantes para o engajamento ocupacional, tornando-se essencial no estabelecimento de vínculo, no compartilhar e diferenciar-se do outro (RUBIO; SANABRIA, 2011).

As experiências duradouras referem-se aos pensamentos e sentimentos obtidos por meio do envolvimento em ocupações que permaneceram constantes ao longo do tempo na vida do sujeito. Kielhofner (2006) argumenta que as ocupações que são interessantes e gratificantes e mais propensas a se tornar central e sustentar a Identidade Ocupacional dos sujeitos são aquelas

que associam o senso de competência e validação dentro do ambiente por meio de experiências anteriores aos desafios e oportunidades da participação ocupacional atual.

Assim, o sujeito ao partilhar experiências sociais e emocionais nos grupos de convivência, estes surgem como contribuição para envelhecimento saudável e com qualidade. Relacionando-se com os achados do presente estudo com os de Oliveira e Valla (2001) destacam-se que as experiências, traduzem aspectos particulares, revelam percursos históricos diversos e múltiplas formas de ler e atuar sobre a realidade atual do indivíduo. Então, estes aspectos geram os desafios ocupacionais, a partir dos quais os sujeitos aprendem a ter domínio de situações e conseguem se engajar em ocupações significativas de maneira mais satisfatória.

4.2.2.4 Processo Reflexivo

No que diz respeito aos dados referentes ao processo reflexivo, mostraram que as experiências vivenciadas por Chuva de Prata no grupo refletiram sobre os bons acontecimentos da sua vida, funcionando como um incentivador para torná-la um ser ocupacional mais ativo, como pode ser observado na seguinte fala: *“Eu acho que a experiência no grupo foi ótima pra tudo na minha vida [...] aprendi que a gente não deve ficar parado, deve sempre tá fazendo uma atividade, porque o corpo e a cabeça precisam se movimentar sempre”*.

Em relação à contribuição do grupo para Identidade Ocupacional, Chuva de Prata ressaltou que o grupo possibilitou ampliar sua rede de participação social em diferentes contextos, criar e fortalecer laços de amizade, melhora da autoestima, o aprendizado por meio das ocupações, pois passou de um ser monótono, sem atividades motivadoras para um ser que incorporou novas atividades sociais no seu rol de ocupações, o que influenciou nos sentimentos de alegria e pertencimento. Tal situação fica evidenciada na seguinte fala:

“[...] eu me tornei uma pessoa mais alegre, mais participativa, nem sei como explicar [...] encontrei amizades, amigas que são companheiras de verdade [...] (suspiros) é tudo tão bom, encontrei tanta coisa boa com esse grupo, por que praticamente eu vivia vegetando só dentro de casa, apesar de ter a presença dos meus filhos, mas eles fazem as coisas deles [...] nunca fui de sair muito, mas agora com o grupo, eu gosto de sair com as amigas que fiz, de ir ao cinema [...] Nossa! Eu aprendi que a gente nunca para de aprender coisas novas e que é bom conhecer pessoas novas também [...] isso tudo é bom né, pra saúde e pra vida”.

Diante disso, alguns dos fatores principais que formam o alicerce para uma vida boa incluem o engajamento em um grande número de atividades sociais, de lazer e voluntárias, incluindo a participação em grupos de terceira idade (BOWLING et al., 2003). Nesse sentido, as aprendizagens obtidas a partir do engajamento no grupo pode fazer parte da identidade dos

sujeitos, assim como, suas experiências ao longo de sua trajetória ocupacional (CHRISTIANSEN, 1999).

Dessa maneira, as reflexões acerca das experiências vivenciadas (o que se tinha, se conseguiu o que queria, que habilidades foram desempenhadas e as circunstâncias destas), podem assegurar o senso de si, de saber o que são capazes de fazer ao longo do da vida, ou seja, reflete mais sobre quem são. Nesta perspectiva, a Identidade Ocupacional refere-se tanto ao que distingue uma pessoa quanto a maneira como essa pessoa vê as coisas, ou seja, refere-se a um conjunto de características somadas que formam o ser, ao mesmo tempo, a reflexão de uma pessoa sobre suas ocupações diárias (HOWIE; COULTER; FELDMAN, 2004; KIELHOFNER, 2011).

Neste sentido, os grupos podem surgir como uma forma de interação e inclusão social, uma maneira de resgatar a autonomia, melhorar a consciência de si, de viver com dignidade e dentro do âmbito de ser e estar saudável. Nos achados de Almeida e Colaboradores (2010), os grupos de convivência estimulam o indivíduo a adquirir maior autonomia, melhorar sua autoestima, qualidade de vida, senso de humor e promover sua inclusão social. Este fator influencia bastante a continuidade dos idosos nos programas e nas mudanças positivas que ocorrem em suas vidas, permitindo aos sujeitos se autoavaliarem positivamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento da população idosa é um fenômeno mundial. Entende-se que o idoso apresenta-se como sujeito histórico, influenciado e modificado por uma história de vida, experiências, cultura, entre outros fatores. O próprio processo de envelhecimento acontece de maneira singular, traduzido na forma particular de cada indivíduo encarar, entender e viver sua velhice. Sendo, por isso, importante entender os aspectos que formam a identidade do sujeito idoso, pois, ao longo do processo de envelhecimento, essa identidade sofre transformações.

Este estudo permitiu retratar aspectos relevantes do engajamento ocupacional de idosos no grupo, trazendo aspectos significativos que permeiam a (re)construção da identidade ocupacional dos sujeitos idosos que participaram desta pesquisa. Verificou-se que as identidades estão intimamente ligadas ao engajamento dos indivíduos nos seus fazeres, nas interpretações e nos processos reflexivos que são gerados dessas ações no contexto de seus relacionamentos com as outras pessoas.

Nessa perspectiva, a participação no grupo de convivência permitiu que essas idosas reavaliassem a sua vida, desenvolvessem potencialidades, reconhecessem e aprendessem a conviver com as limitações e se reaproximassem da família. Além disso, significou uma forma de voltar para o convívio social, transformar a rotina sedentária e solitária incorporando outras atividades no seu cotidiano, possibilidades de lazer, convivência com outros idosos, vontade de viver, sensação de liberdade, qualidade de vida e autoestima elevada.

Dessa maneira, a participação ocupacional no grupo pode se tornar uma ocupação significativa devido as oportunidades de vivenciar e compartilhar outras práticas relacionais e de aprendizados, trocas afetivas que acarretam mudanças de autoconsciência e repercutem em outras atividades cotidianas, e também, na motivação para incorporação de novas atividades no rol ocupacional dos sujeitos, o que provavelmente não aconteceria caso permanecesse isolados ou restritos ao ambiente doméstico.

Os sujeitos passaram a valorizar mais o seu envolvimento ativo no cuidado de sua saúde por meio de autocuidado e de atividades físicas, como um meio de demonstrar as mudanças ocorridas em sua identidade durante o processo grupal, o que foi percebido pelo grupo familiar. Os idosos do estudo afirmaram receber incentivos dos familiares para participar do grupo.

Assim, são as relações cotidianas que permitem a construção da identidade, e é a partir das trocas que o sujeito constitui a sua singularidade como ser ocupacional em meio a diferença. Diante disso, os achados deste estudo descrevem que o engajamento grupal acarretou benefícios que foram além do aumento de pontuação nos itens, mas também pela manutenção de aspectos necessários a identidade ocupacional, uma vez que o ser ocupacional está imerso em um

processo de transformação permanente ao mesmo tempo em que acumula aquilo que é relevante para a participação ocupacional.

E, portanto, o grupo de convivência para idosos pode ser visto como um lugar humanizado e de alegria, onde se entende como é envelhecer de forma saudável, onde se cria laços de amizade, compartilham-se experiências de vida, (re)significam ocupações e conseqüentemente, a identidade ocupacional. Nesse sentido, o idoso como um ser biopsicossocial, que já passou por inúmeras mudanças ao longo da vida, necessita não somente envelhecer de maneira saudável, como também com segurança, inserido no convívio social e sentindo-se ativo, pois esses fatores poderão garantir uma velhice bem-sucedida.

Ressalta-se que a falta de um quantitativo maior de participantes constituiu-se como fator limitante desse estudo, dificultando a aplicação de modelos estatísticos aos dados obtidos. Sugere-se a realização de novos estudos que envolvam um maior número de participantes e que aprofundem a discussão da relação sobre a participação ocupacional do idoso em grupo e a sua identidade ocupacional, que é relevante para a área da terapia ocupacional.

Em síntese, enfatiza-se a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas nesse campo. Ressalta-se que os benefícios desta pesquisa terão relevância para a comunidade científica, em especial para os profissionais de terapia ocupacional, pois se pretende contribuir para a fomentação de informações científicas sobre como a participação de idosos em grupos de terapia ocupacional pode estar relacionada à manutenção, produção ou reconstrução da identidade ocupacional, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros idosos na fundamentação de serviços de terapia ocupacional para a população idosa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. A. et al. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** v.13, n.3, p.435-443, set-dez. 2010.

ANDOLFATO, C.; MARIOTTI, M. C. Avaliação do paciente em hemodiálise por meio da medida canadense de desempenho ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 1-7, jan./abr. 2009.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de Grupos de Convivência. **Psicol. Ciên. Profissão**, v. 25, n. 1, p.118-131, 2005.

AYUSO, R. El sentido de la ocupación. **TOG (A corunã)**, v.7, sup.6, p.59-77, 2010.

BALLARIM, M. Abordagens Grupais. In: CAVALCANTI, A.; GALVAO, C. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. P.38-43.

BARDIN, L. Definição e relação com as outras ciências. In: **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p.27-46.

_____. Terceira Parte: Método. In: **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. p.120-197.

BENEDITTI, T. R. B.; AZO, G. Z.; BORGES, L. J. Condições de saúde e nível de atividade física em idosos participantes e não participantes de grupos de convivência de Florianópolis. **Ciênc saúde coletiva**, v.17, n.8, p. 2087-93, 2012.

BORGES, A. **Alterações neuromusculares e funcionais decorrentes do envelhecimento e da osteoartrite e suas consequências para a mudança na qualidade de vida em idosos**. 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39329/000825645.pdf?sequence=1>>. Acesso em 28 de Janeiro de 2017.

BOWLING, A. et al. **Adding quality to quantity: older people's views on their quality of life and its enhancement**. Sheffield: Economic Social Research Council (ESCR) Growing Older Programme. 2003. Disponível em: file:///C:/Users/IZABEL%20LE%C3%83O/Downloads/Adding_quality_to_quantity_Older_p_eople.pdf. Acesso em: 28 de Janeiro de 2017.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso: repertórios e implicações de um processo democrático**. MULLER, N. P.; PARADA, A. (Orgs.) Ministério da Justiça, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013.

CALDAS, A. et al. O uso da Medida Canadense. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 238-244, set./dez. 2011.

CANIGLIA, M. O processo de trabalho na área da saúde e o ato terapêutico ocupacional. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.32, supl. 1, p.81-88, 2008.

CARLETO, D.; ALVES, H.; GONTIJO, D. Promoção de Saúde, Desempenho Ocupacional e Vulnerabilidade Social: subsídios para a intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes acolhidas institucionalmente. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 89-97, jan./abr. 2010.

CASTRO, E.; LIMA, L.; NIGRO, G. Convivência, trabalho em grupo, formatividade e práticas territoriais na interface arte-saúde-cultura. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). **Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015, p. 128 - 146.

CELICH, K.; GALON, C. Dor crônica em idosos e sua influência nas atividades da vida diária e convivência social. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v.12, n.3, p. 345-359, 2009.

CHAN, S. Crafting an Occupational Identity: Learning the Precepts of Craftsmanship Through Apprenticeship. **Vocations and Learning**, v.7, p. 313–330, 2014.

CHRISTIANSEN, C. Defining lives: Occupation as identity: An essay on competence, coherence, and the creation of meaning. **American Journal of Occupational**, v. 53, n.6, p. 547-558, November/December, 1999.

_____. Identity, Personal Projects and Happiness: Self Construction in Everyday Action. **Journal of Occupational Science**, v.7, n.3, p.98-107, November, 2000.

CÓRDOVA, D. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p.31-42.

DEBERT, G.; OLIVEIRA, G. Os Conselhos e as Narrativas sobre a Velhice. In: BRASIL. **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso: repertórios e implicações de um processo democrático**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013. p.117-146.

DUARTE, Y. A. O.; ANDRADE, C. L.; LEBRÃO, M. L. O Índice de Katz na avaliação da funcionalidade dos idosos. **Revista Escola Enfermagem/USP**, v.41, n.2, p.317-25, 2007.

FARIA, E.; SOUZA, V. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v.15, n.1, p. 35-42, Janeiro/Junho, 2011.

FERNANDES, S. et al. Motivos de adesão e permanência ao programa da Universidade Aberta à Maturidade do CEFID/UEDESC. **Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 97-110, 2011.

FERREIRA et al., O. Envelhecimento Ativo e sua Relação com a Independência Funcional. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.21, n.3, p.513-518, Jul-Set. 2012.

FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Rev. para. Med.** v.23, n.3, jul.-set. 2009.

FREIRE, S. A. **Bem-estar subjetivo e metas de vida: Um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade**. 2001. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FREITAS, C. et al. Identidade do Idoso: representações no discurso do corpo que envelhece. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 19-35. 2012.

GAUCH, G. Direito dos idosos no Plano Internacional. In: BRASIL. **Dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso: repertórios e implicações de um processo democrático**. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013.

GERHARDT, T. A construção da pesquisa. In: GERHARDT, T.; SILVEIRA, D.(org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p.43-65.

GUERRA, A.; CALDAS, C. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, n.6, p.2931- 2940, 2010.

GIL, A. Delineamento da pesquisa. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.49-59.

_____. Pesquisa social. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.26-32.

GONÇALVES, L.H.T; POLARO, S.H.I; CARVALHO J.N et al. Condições de vida e saúde de idosos amazônidas: realidade de comunidades periféricas de cidades paraenses. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v.9, n.1, p. 39-46, jan., 2015.

HIRSCHI, A. Callings and Work Engagement: Moderated Mediation Model of Work Meaningfulness, Occupational Identity, and Occupational Self-Efficacy. **Journal of Counseling Psychology**, v. 59, n. 3, p. 479–485, 2012.

HOOGERDIJK, B.; RUNGE, U.; HAUGBOELLE, J. The adaptation process after traumatic brain injury an individual and ongoing occupational struggle to gain a new identity. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**. v.8, p.122–132. 2011.

HOWIE, L.; COULTER, M.; FELDMAN, S. Crafting the Self: Older Persons' Narratives of Occupational Identity. **American Journal of Occupational Therapy**, v.58, n.4, p. 446–454, July/August., 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=25&u1=1&u2=1&u=1&u4=1&u5=1&u6=1>>. Acesso em: 23 de Novembro de 2015.

JOIA, L. C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. Grau de satisfação com a saúde entre idosos do Município de Botucatu, Estado de São Paulo, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de saúde**, v.17, n.3, p.187-194, 2008.

KAHLMAYER-MERTENS, R. et al. O projeto de pesquisa e seus tópicos. In: **Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 31-64.

KIELHOFNER, G. Dimensiones del hacer. In: **Terapia Ocupacional**. Model de Ocupación humana: teoria y aplicación. 3ºed. Buenos Aires: Médica Panamericana, 2004, p.131 - 141.

KIELHOFNER, G. Modelo de Ocupación Humana. In: **Fundamentos conceptuales de la Terapia Ocupacional**. 3ºed. Buenos Aires: Médica Panamericana, 2006, p.147-170.

KIELHOFNER, G. The model of human occupation. In: **Conceptual foundations of occupational therapy practice**. 4. ed. Philadelphia: F. A. Davis Company, 2009, p. 150-174.

KIELHOFNER, G. et al. O Modelo de Ocupação Humana. In: CREPEAU, Elizabeth; COHN, Ellen; SCHELL, Barbara. **Willard & Spacman: Terapia Ocupacional**. 10ºed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p.452-467.

LAW, M. et al. **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)**. Trad. MAGALHÃES, L. C.; MAGALHÃES, L. V.; CARDOSO, A. A. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

LEITE, M. T. et al. Qualidade de vida e nível cognitivo de pessoas idosas participantes de grupos de convivência. **Rev. Bras. Geriatria. Gerontol.**, v.15, n.3, Rio de Janeiro, July/Sept., 2012.

LILLO, S. G. La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, Santiago, n. 3, nov. 2003.

LIM, K. C, et al. Aging, health, and physical activity in Korean Americans. **Geriatr. Nurs.**, v.28, n.2, p. 112-119, 2007.

LIMA, E. Um grupo de Terapia Ocupacional: tecendo vínculos, criando mundos. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. **Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015, p.166-187.

LOBO, A.; SANTOS, L.; GOMES, S. Nível de dependência e qualidade de vida da população idosa. **Rev Bras Enferm.**v.67, n.6, p.913-119, nov-dez. 2014.

LOPES, J. et al. Pesquisa de Campo. In: **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006, p.2015.

LOPES, M. et al. Barreiras que influenciaram a não adoção de atividade física por longevas. **Rev Bras Ciênc Esporte**, v.38, n.1, p. 76-83, 2016.

MACHADO, H. V. **A identidade e o contexto organizacional: perspectivas e análise**. RAC, edição especial, 51-73: 2003.

MARTINS, S.; GONTIJO, D. Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 162-171, maio/ ago., 2011.

MATSUDO, S. M; MATSUDO, V. K.; NETO, T. L. B. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Rev. Bras. Med. Esporte**, Niterói, v.7, n.1, p.2-13, Jan/Fev., 2001.

MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos. In: **Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015.

MONTREZOR, J. A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 529-536. 2013.

MOTA J. et al. Atividade física e qualidade de vida associada à saúde em idosos participantes e não participantes em programas regulares de atividade física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.** v.20, n.3, p. 219-225, 2006.

MOTA, K.; MUNARI, D. Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n.1, p. 150-161, 2006.

- MOURA, A.; SOUZA, L. Grupos de convivência para idosos: participantes, egressos e desinteressados. **Estud. pesqui. psicol.** v.15, n.3, Rio de Janeiro, nov, p. 1045-1060, 2015.
- NICOLAU, S. Grupos na Atenção Básica: enraíza-se na comunidade. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. **Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações.** São Paulo: Summus, 2015, p.264-274.
- NOORDHOEK, J.; LOSCHIAVO, F. Adaptação visando melhora do desempenho funcional em atividade da vida diária para adolescentes com artrite reumatóide juvenil. **Rev. Bras. Reumatol.**, v.44, n. 5, p. 362-3, 2004.
- OLIVEIRA, R. M; VALLA, V. V. As condições e as experiências de vida de grupos populares no Rio de Janeiro: repensando a mobilização popular no controle do dengue. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17(Suplemento), p.77-88, 2001.
- OLIVEIRA, R.; SCORTEGAGNA, P. Idoso: um novo ator social. In: **IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul.** 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>. Acesso em: 07 de Novembro de 2015.
- PASSOS, B. M. A. et al. Contribuições da hidroginástica nas atividades da vida diária e na flexibilidade de mulheres idosas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 1, p.71-76, 2008.
- PAVIN, R. **Participação de Idosos em Atividades Grupais.** In: X Salão de Iniciação Científica, Rs. 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Servico_Social/70967-RAQUEL_DA_SILVA_PAVIN.pdf>. Acesso em: 28 de Janeiro de 2017.
- PAZOS, N.; SANTAMARIA-VÁZQUEZ, M. Influencia de los factores sociodemográficos em el desempeño ocupacional de personas com discapacidad física institucionalizadas. **TOG (A corunã)**, v. 12, n.22, p.1-14, nov., 2015.
- PEREIRA, L. A.; PEREIRA, A. V. S.; MORELLI, G. A. S. A importância do lazer da terceira idade: um estudo de caso em Ribeirão Preto. **LÉCTURAS: Revista Digital, Buenos Aires.** 2006. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd98/tidade.htm>>. Acesso em: 21 de Janeiro de 2017.
- PEREZ, M. P.; ALMEIDA, M. H. M. O processo de revisão de vida em grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 223-229, set./dez. 2010.
- PHELAN, S.; KINSELLA, E. Occupational Identity: Engaging Socio-Cultural Perspectives. **Journal of occupational science.**v.16, n.2, p.85-91, 2009.
- POLATAJKO, H. J. et al. Human occupation in context. In: TOWNSEND, E. A.; POLATAJKO, H. **Enabling occupation II: advancing an occupational therapy vision for health, well-being, & justice through occupation.** Ottawa: CAOT Publications ACE, 2007. P.37-61.
- PONTES, T.; POLATAJKO, H. Habilitando ocupações: prática baseada na ocupação e centrada no cliente na Terapia Ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 403-412, 2016.

- PONTES, A. Do portão à sala de aula: Experiência de mulheres velhas na universidade numa cidade de âmbito amazônico. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Santa Catarina. **Anais ...** Santa Catarina: UFSC, 2010. p.1-7.
- RAMOS, T.; SANTOS, D. Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 65-88.
- RIZZOLLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.225-2, 2010.
- SILVA, H.S.; LIMA, A.M.M.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.12, n.27, p.795-807, out./dez. 2008.
- RUBIO, S.; SANABRIA, L. Ocupación como proceso subjetivante. In: ROJAS et al, A. **Ocupación: sentido, realización y libertad**. Diálogos ocupacionales en torno al sujeto. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011, p. 72-100.
- SANTOS, S.S.C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Rev. Bras. Enf. Brasília**, v.63, n.6, p.1035-1039, nov-dez, 2010.
- SANTOS, C. F.; SILVA, A. L.; KHOURY, H. T. T. Desenvolvimento Psicossocial em idosos: comparação entre dois grupos de Terceira idade. In: 8ª Jornada de Estudos e Pesquisas sobre Envelhecimento Humano na Amazônia, 2010, Belém. **Anais ...** Belém: SENECTUS; UNITERCI; EDUFPA, 2010. p.45-52.
- SARRIERA, J. et al. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v.6, n.1, p. 27-32, 2001.
- SILVA, H. S.; YASSUDA, M.S. Engajamento social, lazer e envelhecimento cognitivo. In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. (Org.). **Neuropsicologia do envelhecimento: Uma abordagem multidimensional**. Porto Alegre: Artmed. 2013. p. 428-437.
- SILVEIRA, D.; CÓRDOVA, F. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009, p.31-42.
- SOUZA, L. K.; GARCIA, A. Amizade em idosos: um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 173-190, 2008.
- SOUZA, F. R.; SOUZA, L. H. R. Contribuições do treinamento de força para as atividades da vida diária em pessoas acima de 50 anos. **Revista Digital**, Buenos Aires, v.13, n. 126, nov., 2008.
- TAHAN J.; CARVALHO, A. C. D. Reflexões de Idosos Participantes de Grupos de Promoção de Saúde Acerca do Envelhecimento e da Qualidade de Vida. **Saúde Soc.**, v.19, n.4, p.878-88, 2010.
- TEMPO, J.; VITTI, F. Dança-movimento em idosos: implicações no corpo e na produção de subjetividade. **Rev. Bras. Psicologia**. v.2, n.1, jan/jun. 2015.

- TENÓRIO, M. et al. Avaliação da Capacidade Funcional de Idosos em uma Comunidade do Município de Moreno – PE. **Rev. RENE**. Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 57-66, mai./ago. 2006.
- TEIXEIRA, I.; NERI, A. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicol. USP**, v.19, n.1, São Paulo, p. 81-94, jan./mar., 2008.
- TEXEIRA, E. Terceira metodologia. In: **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p.115-158.
- TOIT, D. S.; WILKINSON, A. Promoting an appreciation for research-related activities: the role of occupational identity. **British Journal Occupational Therapy**, v.74, n.10, October. 2011.
- TRIVIÑOS, A. N. Pesquisa Qualitativa. In: **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 2013. p.116-170.
- VALE, E. M. Grupo de estudos da memória: memória, tempo e espaço. **Rev. Kairós**, v.6, n. 2, p. 205-227, 2003.
- URIBE, J.; ROJAS, C.; PÉREZ, L. Ocupación como proceso sociocultural. In: ROJAS et al, A. **Ocupación: sentido, realización y libertad**. Diálogos ocupacionales en torno al sujeto. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011, p. 106-120.
- UNRUH, A. “So ... what do you do?” occupation and the construction of identity. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v.71, n.5. December. 2004.
- WILCOCK, A. Occupation and Health: Are They One and the Same?. **Journal of Occupational Science**, v.14, n.1, p. 3-8, April, 2007.
- WICHMANN, F. et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.16, n4, p.821-832, 2013.
- YIN, R. K. Introdução: Quando usar os estudos de caso como método de pesquisa. In: **Estudo de caso planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010. p.23-46.

ANEXO A

ENTREVISTA DA HISTÓRIA DO DESEMPENHO OCUPACIONAL-SEGUNDA VERSÃO (OPHI-II)

DATOS DE IDENTIFICACION

NOMBRES (S) Y APELLIDOS		EDAD:	FECHA:
LUGAR Y FECHA DE NASCIMIENTO:		DIAGNOSTICO MEDICO:	
ESCOLARIDADE:	TIEMPO DE DEESCOLARIZACION:	OCUPACION:	
INSTITUICION:	PROGRAMA:	FECHA DE INGRESO:	
T.O. EVALUADOR:	T.O. SUPERVISOR:		
RUTINAS DIARIAS			
ROLES OCUPACIONALES			
ELECCIÓN DE ACTIVIDAD/OCUPACIÓN			
EVENTOS CRÍTICOS DE LA VIDA			
AMBIENTES DE COMPORTAMIENTO OCUPACIONAL			

HOJA DE REGISTRO DE DATOS

ESCALA DE IDENTIDAD OCUPACIONAL	1	2	3	4
Tienes metas personales o proyectos				
Identifica un estilo de vida ocupacional				

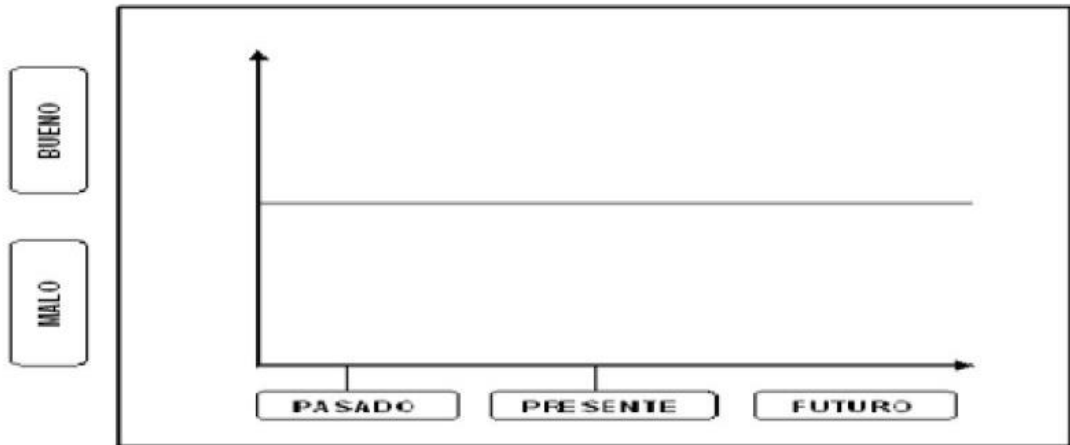
Espera Éxito				
Acepta responsabilidades				
Valora habilidades y limitaciones				
Tiene compromisos y valores				
Reconoce identidades y obligaciones				
Tiene Interés				
Se sintió efectivo en el (pasado)				
Encontró sentido, satisfacciones en su estilo de vida (pasado)				
Hizo elecciones ocupacionales				
ESCALA DE COMPETENCIA OCUPACIONAL	1	2	3	4
Mantiene un estilo de vida satisfactorio				
Cumple con las expectativas de sus roles				
Trabaja hacia metas				
Cubre los estándares de desenvolvimiento personal				
Organiza su tiempo para cumplir responsabilidades				
Participa en intereses				
Cumplió con sus roles (pasado)				
Mantuvo hábitos (pasado)				
Logró satisfacción (pasado)				
ESCALA DE AMBIENTES DE COMPORTAMIENTOS OCUPACIONALES	1	2	3	4
Formas ocupacionales de vida en el hogar				
Formas ocupacionales del rol principal productivo				
Formas ocupacionales de diversión				
Grupo social en la vida hogareña				
Grupo social del principal rol productivo				
Grupo social de diversión				
Espacios físicos, objetos y recursos en la vida hogareña				
Espacios físicos, objetos y recursos en el rol productivo				
Espacios físicos, objetos y recursos en los ambientes de diversión				
CALIFICACIÓN: 4 FUNCION OCUPACIONAL TOTALMENTE COMPETENTE. 3 FUNCION OCUPACIONAL BUENA, APROPIADA Y SATISFACTORIA. 2 ALGO DE DISFUNCION OCUPACIONAL 1 EXTREMA DISFUNCION OCUPACIONAL				

CONCEPTO OCUPACIONAL

COMPONENTE PSICOLÓGICO
COMPONENTE SOCIAL

COMPONENTE MANEJO DE SÍ MISMO

REGISTRO DE NARRACIÓN DE HISTORIA DE VIDA
PERFIL NARRATIVO



Las pendientes incluyendo los principales eventos de vida y cómo mejoró o empeoró la vida del usuario a partir de éstos eventos. La inclinación de la pendiente indica la severidad o los cambios.

IMPLICACIONES DE LA HISTORIA DE VIDA

Pasado _____

Presente _____

Futuro _____

Entrevista realizada por: _____

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "O GRUPO COMO ESPAÇO DE POSSIBILIDADES PARA A IDENTIDADE OCUPACIONAL DO IDOSO"

Pesquisador: MARIANE SARMENTO DA SILVA GUIMARÃES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57305716.5.0000.0018

Instituição Proponente: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará - ICS/ UFPA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.774.735

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como base utilizar o grupo como espaço de possibilidades para a identidade ocupacional do idoso.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo dessa pesquisa é analisar a influência do engajamento em um grupo de Terapia Ocupacional para a identidade ocupacional de sujeitos idosos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Depende apenas da relação percentual entre o número de candidatos voluntários que se permanecerão até o final da pesquisa, comparado com o número que poderão desistir.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é interessante do ponto de vista acadêmico e social, tendo em vista que produção de informações científicas para a sociedade, ao incluir os idosos que estão se redescobrendo como seres ocupacionais, por meio da análise, qualitativa e quantitativamente, da influência do engajamento em um grupo de Terapia Ocupacional na manutenção, produção ou reconstrução da identidade ocupacional de sujeitos idosos.

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.

Bairro: Campus Universitário do Guamá

CEP: 66.075-110

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-7735

Fax: (91)3201-8028

E-mail: cepccs@ufpa.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



Continuação do Parecer: 1.774.735

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termo resguarda todos os direitos dos participantes voluntários, incluindo a possibilidade de desistir a qualquer momento.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com os documentos apresentados, somos de parecer favorável a aprovação do referido projeto de pesquisa, smj.

Considerações Finais a critério do CEP:

A única preocupação é com relação as imagens dos voluntários, que apesar de conter o termo, falta constar no projeto seus limites de utilização.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_695843.pdf	16/08/2016 15:20:28		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	16/08/2016 15:19:59	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	Termo_de_aceite_orientador.docx	22/06/2016 23:01:09	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	termo_de_consentimento_da_Instituicao.pdf	22/06/2016 22:59:52	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	declaracao_de_isencao.docx	22/06/2016 22:57:55	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	carta_encaminhamento_ao_cep.docx	21/06/2016 16:21:52	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso.pdf	21/06/2016 16:18:00	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	21/06/2016 16:13:38	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	Termo_de_uso_imagem.docx	13/05/2016 22:40:12	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	Entrevista_Final.docx	13/05/2016 22:39:02	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Outros	Entrevista_Inicial.docx	13/05/2016 22:38:16	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá CEP: 66.075-110
UF: PA Município: BELEM
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8028 E-mail: cepccs@ufpa.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ - ICS/



Continuação do Parecer: 1.774.735

Outros	Instrumento.docx	13/05/2016 22:36:25	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	13/05/2016 22:29:47	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	13/05/2016 21:38:37	ISABEL CHRISTINA MENEZES LEÃO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 14 de Outubro de 2016

Assinado por:
Wallace Raimundo Araujo dos Santos
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Corrêa nº 01-SI do ICS 13 - 2º and.
Bairro: Campus Universitário do Guamá CEP: 66.075-110
UF: PA Município: BELEM
Telefone: (91)3201-7735 Fax: (91)3201-8028 E-mail: cepccs@ufpa.br

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA INICIAL

Dados pessoais

Nome: _____ Sexo: () F () M

Idade: _____ Data de Nascimento: __/__/__ Naturalidade: _____

Profissão: _____

Aposentado: () S () N

Estado Civil: () casado(a) () separado(a) () viúvo(a) () Outros _____

Escolaridade: _____ Religião: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Renda Familiar:

() < de 1 salário mínimo () de 1 à 2 salários mínimos () de 3 à 4 salários mínimos () + de

Você possui algum diagnóstico clínico? Se sim, qual? _____

✓ **Prática relacional**

1. Como você descreve a sua relação com as outras pessoas?
2. O que você faz no seu dia-a-dia?
3. Porque você escolheu participar do Grupo?

✓ **Autoconsciência**

1. Quem é você? Como você se define como ser ocupacional?
2. Quais valores você acha importante para a sua vida cotidiana?

✓ **Qualidades / Experiências duradouras**

1. O que você aprendeu (qualidades e/ou características) durante as ocupações que desempenhou ao longo da vida (trabalho, estudo, cuidar da casa entre outros)?

✓ **Processo reflexivo**

1. O que você pode refletir sobre suas experiências em ocupações que desempenhou ao longo da vida?

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA FINAL

✓ **Prática relacional**

1. O que mudou na relação com outras pessoas após a participação no grupo?

✓ **Mudança de autoconsciência**

2. Você está satisfeito com sua participação o grupo? Por quê?
3. Você consegue enxergar mudanças que agregaram valores em sua vida cotidiana a partir de sua participação no grupo. Se sim, qual (is)?

✓ **Qualidades / Experiências duradouras**

4. Quais qualidades e/ou características aprendidas em outras ocupações permaneceu consistente ao longo de sua permanência no grupo?

✓ **Processo reflexivo**

5. O que você pode refletir sobre suas experiências no grupo?
6. O que a participação no grupo contribuiu para a sua identidade ocupacional?